

O GOLPE NA TURQUIA

PURGED BY TURKEY

- 21,000 teachers
- 15,000 education ministry staff
- 8,000 police officers
- 6,000 soldiers
- 1,500 finance ministry staff
- 2,745 judges
- 1,577 university deans
- 492 religious affairs ministry staff
- 399 ministry of family staff
- 257 prime minister's office staff
- 100 intelligence officials
- 47 district governors
- 30 provincial governors
- 20 news websites

Response by UN Human Rights Council

Resolutions: 0

Urgent Sessions: 0

Commissions of Inquiry: 0

UN Watch facebook.com/unwatch unwatch.org

RECADO CURTO E GROSSO

DO BENEDITO PIRES - piresbenedito@uol.com.br

Deus meu, como é possível comemorar a vitória do autogolpe deste fascista? Pelo que tudo indica ele maquinou o simulacro de golpe. Por acaso se esqueceram que semanas antes ele tentou modificações no comando das FFAA e a reação dos militares não foi nada boa? Ele pretendia um comando submisso aas suas pretensões de uma "presidência forte". Com o simulacro de golpe, ele está destruindo o ideal de Atatürk de FFAA laicas, opostas a qualquer radicalismo. Todos os alto oficiais que representavam essa tendência foram destituídos e presos, assim como juizes e ministros da Suprema Corte. Temos de volta ao trono um sultão pré Jovens Turcos. Será que vocês não estão vendo a repressão seletiva do paxa? Como é possível comemorar a vitória do carrasco de Ocalan? Do açougueiro do PKK? Do cúmplice do ISIS e da Al Qaeda?

Do Gustavo Gindre - FB - 16 de julho às 16:31 .

União das Comunidades Curdas:

“(...) Retratar Erdoğan e a ditadura fascista do AKP como se fossem democráticos depois desta tentativa de golpe é um caminho ainda mais perigoso que o golpe em si. Retratar a luta por poder entre forças autoritárias, despóticas e anti-democráticas como uma luta entre apoiadores e inimigos da democracia servirá apenas para legitimar o atual governo fascista e déspota.

Forças democráticas não tomam o lado de nenhum campo.

A Turquia não possui um grupo civil no poder, nem isso é uma luta entre forças democráticas e golpistas. A atual luta é sobre quem comandará o atual sistema político, que é inimigo da democracia e do povo curdo. Portanto, forças democráticas não tomam o lado de nenhum desses campos nesse confronto. (...)

BRUNO LIMA ROCHA – PALEGRE - FB 22 de julho às 20:49 -

SOBRE TERRORISMO E HIPOCRISIA SOB ALEGAÇÃO GEOPOLÍTICA

Me vi obrigado a falar o óbvio. A demência e a crueldade jihadista sunita não tem limites. Os atentados recentes na França e na Alemanha com pessoas inocentes transitando ou sendo alvos de carros bomba no Iraque é substancialmente o mesmo. Para piorar, o maior patrocinador do Daesh ganhou carta branca do Departamento de Estado quando o secretário John Kerry se manifestou na defesa da "democracia" levando um baile da inteligência otomana e avalizando o auto golpe do sultão Erdogan. E agora, quem vai frear o Isis com o tirano civil tendo plenos poderes à frente do segundo maior contingente da Otan? A humanidade deveria fazer um pleno esforço para estancar o terror e o sectarismo e para isso é necessário derrotar os terroristas e seus patrocinadores. Não é teoria conspiratória, mas o conjunto dos apoiadores da Al Qaeda e do Isis são todos aliados dos EUA! Guerra ao Terror contra quem? Repito e repito: só o Confederalismo Democrático soluciona o Oriente Médio.



Como bem apontado pelo [Bruno Lima Rocha](#), o que está ocorrendo nesse exato momento na Turquia lembra muito o que ocorreu no Egito em 2013. Situação realmente preocupante, sem qualquer certeza sobre seu desfecho e suas consequências

Ver Guga Chakra – FACEBOOK

<https://www.facebook.com/gugachacra/>

ANTECEDENTES

Por que Erdogan deixou de ser o “Lula turco” para virar o Putin da Turquia?

A Turquia, no começo deste século, estava em um patamar parecido com o do Brasil. Uma economia...

INTERNACIONAL.ESTADAO.COM.BR

<https://www.facebook.com/gugachacrafriends/posts/10156792044260468>

Guga Chakra

5 de maio ·

A Turquia, no começo deste século, estava em um patamar parecido com o do Brasil. Uma economia emergente, com a democracia se consolidando. Assim como no Brasil, um partido que era visto com suspeitas por muitos chegou ao poder.

O AKP tem um viés mais religioso. Seu líder era e é Recep Tayyp Erdogan. Como premiê, Erdogan, de uma forma similar a Lula e o PT (no caso com um viés esquerdista em vez de religioso), conseguiu resultados positivos na economia. Era elogiado no exterior, especialmente nos EUA e na Europa. Sua política externa conseguia ao mesmo tempo manter alianças com Israel, Irã, EUA, Rússia, Síria e Arábia Saudita.

Erdogan também decidiu negociar a paz com os movimentos separatistas curdos, a negociar uma saída para a divisão do Chipre e a ser menos radical do que seus antecessores na questão do genocídio armênio.

Aos poucos, a partir de 2009, isso começou a mudar. Foi um pouco similar ao que ocorreu no Brasil, que também entrou em crise nos últimos anos. Este processo se intensificou a partir de 2011. As

relações com Israel e Rússia se deterioraram. Com a Síria, foram rompidas e a Turquia passou abertamente a apoiar grupos rebeldes. Negociações com os curdos entraram em colapso. E a economia, da mesma forma que a brasileira embora em intensidade menor, começou a desacelerar.

Mas, enquanto a Justiça brasileira atua de forma independente e investiga o PT e seus aliados, a da Turquia passou a ser usada pelo governo do AKP. Antes democrata, Erdogan decidiu cada vez mais concentrar poderes nas suas mãos. Passou a censurar a imprensa como em uma nação ditatorial. Fecha jornais e persegue opositores. Impedido de seguir como premiê, virou presidente em uma nação parlamentarista. Para aumentar seu poder, luta para transformar o país em um presidencialismo de viés autoritário.

E esta iniciativa de Erdogan, somada a algumas outras, levou Davutoğlu, ex-chanceler e atual premiê da Turquia, a renunciar ao cargo hoje. Nem ele, aliado de Erdogan há décadas, aguenta as ambições ditatoriais de Erdogan.

E se enganam aqueles que acham que Erdogan queira transformar a Turquia em uma Arábia Saudita. O premiê também persegue religiosos islâmicos. O objetivo de Erdogan é transformar a Turquia, uma nação que era parecida com o Brasil, em uma Rússia. E ele, antes chamado apelidado de Lula da Turquia, seria o Putin dos turcos.

Guga Chacra

7 h - Dia 16 sábado

Não foi fácil hoje. Comecei o dia comentando sobre o atentado em Nice no Estúdio I da Globo News. Fui nadar. Depois, falei no Jornal das 16. Ainda era Nice e também eleição nos EUA. Esqueci de almoçar. E veio a tentativa de golpe na Turquia. É o país do mundo que mais tenho interesse. Entrei no Jornal das 18h. Comi um bolo de mármore do Starbucks no comercial. Ligo para analistas e pessoas que conhecem Turquia. Converso com os editores [Filipe Barini](#) e [Nelson Garrone Jr.](#) no ponto. O time de NY ([Carolina Cimenti](#), Candice, [Anderson](#) me passando as informações na redação) Mais duas horas de Globo News Em Pauta. Sem ir ao banheiro. E terminei no Jornal das Dez, com o golpe fracassando. Ao vivo o tempo todo. E com raiva pq acha que podia ter comentado melhor. Aliás, sempre acho. Mas faz parte. E vale a pena. Especialmente ao ver uma msg por inbox no Facebook do [Clovis Rossi](#), colunista da Folha e meu ídolo no jornalismo, elogiando o meu trabalho. Aprendi muito com ele na Folha. E a foto foi tirada pela [Candice Carvalho Feio](#).



Militares tentam golpe, põem Turquia sob lei marcial, mas Erdogan resiste

Pelo menos 42 pessoas morreram em Ancara, entre elas 17 policiais favoráveis ao presidente, e mais de 130 militares do Exército foram presos; opositores acusam líder turco de promover farsa para reforçar seus poderes e obter pretexto para violar a Constituição

• -

Jamil Chade, correspondente / Genebra,
O Estado de S. Paulo

15 Julho 2016 | 17h20

[Leia mais sobre a Turquia](#)

- [Turquia prende 17 suspeitos por ataques a aeroporto de Istambul](#)
- [Erdogan anuncia projeto para refugiados sírios obterem cidadania turca](#)
- [Erdogan usa alianças para melhorar imagem](#)

GENEBRA – Uma tentativa de golpe militar contra o presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, deixou nesta sexta-feira, 15, ao menos 42 mortos na capital, Ancara. O

presidente retornou a Istambul depois de milhares de turcos terem atendido a seu chamado de tomar as ruas contra o golpe, enquanto partidos de oposição rejeitavam apoiar o movimento golpista.

Ao menos 130 militares foram presos, segundo o Ministério Público da Turquia. Havia relatos de um deputado opositor morto em ataque ao Parlamento do país.

<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,militares-turcos-tomam-pontos-de-ancara-e-istambul-e-governo-denuncia-golpe,10000063111>



Presidente Erdogan se pronuncia após tentativa de golpe

GUGA CHAKRA e FERNANDO BRANCO – JORNAL DAS 10 – Globonews – dia 15

“Situação é totalmente instável na Turquia”

<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-das-dez/videos/v/situacao-e-totalmente-instavel-na-turquia-diz-guga-chacra/5168065/>

Carmen Lícia Palazzo

6 h · Brasília, Distrito Federal, Brasil ·

Seguindo no tweeter, recomendado pela [Monique Sochaczewski Goldfeld](#) E eu estou já há alguns dias de olho em um livro dele sobre o Islã.



Mustafa Akyol on Twitter

“17 Turkish police officers killed in Ankara - by the junta-would-be. Horrible. It seems the coup wont be subdued without bloodshed.”

TWITTER.COM|POR MUSTAFA AKYOL

Crowds derail Turkey coup attempt



<http://www.dailystar.com.lb/News/Middle-East/2016/Jul-16/362371-crowds-derail-turkey-coup-attempt.ashx#.V4mE8B59IvI.facebook>

Thousands of people took to the streets of two major cities in Turkey early Saturday in defiance of a faction in the military that launched a coup to topple President Recep Tayyip Erdogan, who vowed that the attempt would be put down.

YOU'VE REACHED A SUBSCRIBER-ONLY ARTICLE. SIGN UP NOW AND ACCESS THE FULL BREADTH OF THE DAILY STAR CONTENT IN MINUTES.

UNRESTRICTED

ACCESS 1 month...\$12 | 3 months...\$30 | 6 months...\$55 | 1 year...\$99 Existing users can login [here](#) or register for a new account.

A version of this article appeared in the print edition of The Daily Star on July 16, 2016, on page 1.

Recommended

- [Turkey coup bid increases threat to regional stability: Russian foreign ministry](#)

[Benicio Schmidt](#) Matérias para enrolar arame farpado, no fim de semana, no sítio.... Kerry declara os USA contra os milicos.....E a estrutura industrial deles tem muito de participação militar (semelhante ao Chile, de sempre), o que complica a equação, Os milicos do Brasil querem mordomias etc. Conseguem, sossegam...Mas lá, como em muitos outros países "emergentes" e meio-Nasseristas, as FFAA têm peso enorme. segurança & poder econômico. Quem sabe o que está em jogo ? Sinto-me um aprendiz.....As coisas mudam muito rapidamente.....

Guerra reforçou facção pró-Síria no Exército

Guerra reforçou facção pró-Síria no Exército

GUSTAVO CHACRA

<http://gugachacra.blogspot.pt/>

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE NOVA YORK

Uma espécie de acordo não oficial divide os poderes na área militar do Líbano. As Forças Armadas são responsáveis pela segurança doméstica, enquanto o Hizbollah cuida da defesa libanesa em caso de ataques de Israel, como vem acontecendo agora. Dessa forma, o Exército não mobiliza suas forças para o sul do Líbano, conforme exigiram resoluções da ONU após a retirada israelense

em 2000. Com o anúncio do premiê Fouad Siniora de que 15 mil soldados serão enviados para o sul, o cenário se altera, com o Exército assumindo o controle da região, o que fez surgir novamente a questão sobre a capacidade de as Forças Armadas libanesas controlarem o Hizbollah e se há intenção de levar adiante essa missão. Muitos analistas defendem a tese de que o Exército é inferior militarmente ao Hizbollah. Estudo do centro de estudos militares Jane, nos EUA, diz que as "Forças Armadas são deficientes, com tanques obsoletos", sendo "incapazes de agir contra o bem organizado Hizbollah". Outros, como o professor Oren Barak, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém e um dos principais estudiosos das forças militares do Líbano, discordam. "As Forças Armadas têm os meios para confrontar o Hizbollah. Também conhecem o território, seu contingente é muito maior e a maior parte das armas da organização xiita, como os Katyushas, é inútil num combate contra o Exército doméstico", diz. O problema das Forças Armadas para controlar o Hizbollah é outro, afirma Barak. "O Exército só poderia agir contra o grupo se houvesse um consenso nacional de que o grupo age contra os interesses do país. Ele poderia ter sido alcançado antes, mas é muito difícil agora, após tantas mortes e destruição." Hoje agir contra o Hizbollah significaria para a população que o Exército "está colaborando com o Estado judeu". A aliança entre o Exército e o Hizbollah se intensificou após a eleição de Émile Lahoud -um cristão maronita, como exige a Constituição- para presidente, em 1998, e a indicação do também cristão Michel Suleiman para o Comando do Exército, segundo o professor. Lahoud, que se mantém no poder graças ao apoio dos xiitas, preside o Conselho Supremo de Defesa, com membros das seis principais religiões do Líbano, enquanto Suleiman é subordinado ao Conselho de Ministros, comandado pelo premiê Fouad Siniora. Um órgão não está acima do outro. Até a guerra, havia uma divisão que punha Lahoud, Suleiman e o Hizbollah, aliados da Síria, de um lado, e Siniora do outro. Segundo Barak, com a crise, a influência da então decadente ala pró-Síria voltou a crescer no Exército, que é dividido de acordo com a composição étnica do país. Para o especialista, essa espécie de aliança militar entre Lahoud, Suleiman e o Hizbollah é muito mais significativa para o poder do grupo no Exército que o crescente número de xiitas nele. Para o professor, o Exército só funciona caso três fatores atuem conjuntamente: quando seu comando inclui membros de todos os setores da sociedade; quando a composição dos oficiais é balanceada; e quando há consenso em uma missão. Os dois primeiros fatores existem, diz. Será necessário o terceiro para o sucesso no sul, o que incluiria o apoio do Hizbollah -daí a dificuldade.

posted by guga chakra at [12:32 pm](#) | [0 comments](#)

Histórico mostra inação da ONU na região

Histórico mostra inação da ONU na região

Até a retirada de Israel do sul do Líbano, em 2000, o Conselho de Segurança aprovou mais de 60

resoluções insistindo na desocupação. Texto aprovado em 1978 é semelhante ao que se tenta obter agora para chegar a cessar-fogo, mas cenário desde então tem piorado

GUSTAVO CHACRA

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, DE NOVA YORK

Tropas israelenses ocupavam o sul do Líbano para combater milícias inimigas. O governo de Beirute não conseguia estender a sua autoridade para a região. E a ONU aprovava uma resolução, a 425. Era 19 de março de 1978. "Gravemente preocupado com a deterioração da situação no Oriente Médio e as conseqüências para a paz internacional", começava o texto, "e convencido de que a presente situação impede o alcance de uma paz justa no Oriente Médio", o Conselho de Segurança pedia o "respeito à integridade territorial do Líbano" com fronteiras reconhecidas; que Israel deixasse o país e encerrasse as operações militares; e criava a Unifil (Força Interina da ONU para o Sul do Líbano). Até a retirada de Israel do sul, em 2000, o Conselho de Segurança da ONU aprovou mais de 60 resoluções insistindo na desocupação israelense e no exercício de autoridade, pelo Líbano, no sul do país. Nenhuma das duas coisas ocorrera até então. E a Unifil se tornou uma inerte força de monitoramento cujo mandato era prorrogado sempre em janeiro e julho. No meio tempo, a guerra civil do Líbano se intensificou; Israel ocupou uma capital árabe pela primeira vez; marines dos EUA e soldados da França que tentavam intervir no conflito foram vítimas de atentados de um grupo desconhecido na época, o Hizbollah; o presidente do Líbano Bashir Gemayel foi assassinado; Beirute foi destruída; milhares de civis palestinos e xiitas libaneses foram assassinados por falangistas cristãos-maronitas com permissão de Israel nos massacres de Sabra e Chatila, e Israel permaneceu no sul do país afirmando lutar contra o crescimento do Hizbollah, que dizia estar resistindo à ocupação. Porém o texto da resolução 1.310, em 27 de julho de 2000, continha um fato novo: "O Conselho de Segurança da ONU e o secretário-geral chegaram a conclusão que em 16 de junho de 2000 Israel retirou suas forças do Líbano em acordo com a resolução 425". Pressão sobre Beirute Nos janeiros e julho seguintes, novas resoluções foram aprovadas para prorrogar o mandato da Unifil e insistindo que o Líbano exercesse a sua autoridade no sul do país. A partir de então, a pressão caiu sobre Beirute, que assistia passiva ao Hizbollah se armar. Em janeiro de 2004, a resolução 1.525, visivelmente se referindo a Israel e ao Hizbollah, afirmou que havia sérias "violações" da fronteira israelo-libanesa. Mas a resolução mais importante daquele ano foi a 1.559. De forma direta, o texto pedia a retirada das forças estrangeiras do Líbano (referência à Síria, mas que muitos libaneses afirmam também se referir as fazendas de Shebaa), o desarmamento das milícias libanesas e não-libanesas e apoiava o controle do governo libanês sobre o território. O ex-premiê e então líder da oposição à presença síria Rafik Hariri foi morto em atentado, o que levou à Revolução dos Cedros e à retirada das forças militares e de inteligência sírias. Na resolução 1.655, aprovada em janeiro, ficava claro que

a tensão se elevava no sul. Em maio, dias após visita do premie libanês, Fouad Siniora, aos EUA, nova resolução do CS da ONU foi aprovada, a 1.680. O governo do Líbano era elogiado por avanços na implementação da 1.559 por meio "de um diálogo nacional", mas o CS insistia que faltava ainda desarmar as milícias e controlar todo o território. Havia preocupação com o "movimento de armas para milícias no território libanês nos últimos seis meses" (provavelmente do Irã para o Hizbollah), uma expressão inédita e que de certa forma antecipava o que estava por vir. A última resolução, a 1.697, de julho, prorroga o mandato da Unifil e cita preocupação com a escalada da violência. Agora, estuda-se uma nova resolução para um cessar-fogo definitivo - muito parecido com 1978. Na época, o Líbano estava dividido na guerra civil. Agora, por enquanto, ainda não há combates internos. Mas, aparentemente, os dois países devem seguir como tema de 1 em cada 18 resoluções do CS.

posted by guga chacra at [12:30 pm](#) | [0 comments](#)

Bruno Lima Rocha

9 h ·

Urgente: John Kerry formalmente condena o golpe e convoca a comunidade internacional a defender o governo eleito de Erdogan. Ou seja, isso pode ser uma aventura kemalista sem a participação do alto comando e talvez com alguma relação com a Rússia, ao menos nas ações anti Isis.

Carmen Lícia Palazzo compartilhou a [publicação](#) de [Sahan Savas Karatasli](#).

8 h ·

Via [Monique Sochaczewski Goldfeld](#), importante! Inclusive kemalistas e curdos condenando o golpe. "All TV channels are broadcasting interviews of Erdogan and AKP ministers. All political parties - including the Kemalists, ultra nationalists and Kurdish parties - are condemning this seemingly coup attempt (for different reasons of course). Organizers of this coup attempt have not arrested any AKP ministers or even tried to do so. They have not tried to block social media, news channels etc either... Mosques are calling for prayers at this hour and inviting people to take the streets... People are on the streets shouting "Allahu Ekber"... If this was a genuine coup attempt, it is quite an unusual one in the long history of Turkish coup d'etats."

[Ver tradução](#)



[Sahan Savas Karatasli](#)

11 h ·

All TV channels are broadcasting interviews of Erdogan and AKP ministers. All political parties - including the Kemalists, ultra nationalists and Kurdish parti...

[Ver mais](#)

Todos os canais de televisão estão broadcasting entrevistas de erdogan e akp ministros. Todos os partidos políticos - incluindo o kemalistas, ultra nacionalistas e partidos curdos - estão condenando esta aparentemente tentativa de golpe (por motivos diferentes é claro). Organizadores desta tentativa de golpe não têm preso qualquer akp ministros ou mesmo tentou fazê-lo. Eles ainda não tentou bloquear a meios de comunicação social, os canais de notícias ou etc... Mesquitas estão pedindo orações a esta hora e convidando as pessoas a tomar as ruas... As pessoas estão nas ruas gritando "Allahu Ekber"... Se isto foi uma verdadeira tentativa de golpe, é bastante incomum uma na longa história de turco golpes.

[Carmen Lícia Palazzo](#)

9 h · Brasília, Distrito Federal, Brasil ·

Interessante. Fonte: Le Point: "le plus gros clivage avec Erdogan et l'AKP (le parti majoritaire) remonte aux milieu des années 2000. La justice turque avait prononcé plusieurs peines très lourdes contres des dizaines d'officiers supérieurs (de la prison à vie pour certains) contre un prétendu projet de putsch. Les « putschistes » étaient pour la plupart proches de l'opposition. Un tribunal avait ainsi condamné à la réclusion à perpétuité l'ancien chef d'état-major des armées, le général Ilker Basbug, pour "tentative de renversement de l'ordre constitutionnel par la force".

Análise

Turquia: entenda a tentativa de golpe e suas repercussões

O desfecho inevitável da intervenção militar é um país menos democrático e mais instável

por José Antonio Lima — publicado 15/07/2016 23h41, última modificação 16/07/2016 00h07

http://www.cartacapital.com.br/internacional/turquia-entenda-o-golpe-e-suas-repercussoes?utm_content=buffer9ee79&utm_medium=social&utm_source=twitter.com&utm_campaign=buffer

Ozan Kose / AFP



Militares turcos na praça Taksim, em Istambul, na madrugada de sábado 16

Leia também

O alvo do atentado em Istambul era a estabilidade

Oriente Médio, entre a paz e o apocalipse

Até a publicação deste texto, a situação na Turquia era incerta. Soldados e civis disputavam o controle de redações de jornais e canais de televisão em Istambul, enquanto caças e helicópteros bombardeavam prédios

governamentais em Ancara, a capital do país, e tanques de guerra atacavam o do Parlamento.

No aeroporto Ataturk, também em Istambul, o presidente da Turquia, [Recep Tayyip Erdogan](#), era recebido por uma multidão ao voltar do balneário de Marmaris, onde estava quando uma facção das Forças Armadas anunciou a derrubada do governo, na noite desta sexta-feira 15. Relatos de mortos e feridos se acumulavam, mas a veracidade era impossível de atestar.

Certeza só há sobre o futuro imediato da Turquia, sem dúvida sombrio. A tentativa de golpe, que seria o quinto no país nos últimos 56 anos, chega em um momento no qual Erdogan atingia o ápice de uma guinada autoritária iniciada em 2013.

Por si só, este processo já ameaçava o futuro democrático turco. Com o advento da tentativa de golpe, a situação só tender a se agravar.

[Presidente da Turquia desde agosto de 2014](#), Erdogan foi primeiro-ministro por 11 anos antes disso. Desde a primeira vitória eleitoral, em 2002, o Partido Justiça e Desenvolvimento, conhecido como AKP, é a força dominante na política turca. Em todos os pleitos realizados na última década, a sigla oscilou entre 40% e 50% das intenções de voto.

O grosso desse eleitorado é a massa conservadora turca que por décadas foi subjugada por uma elite secular ligada aos militares. Sob Erdogan, esses religiosos praticantes puderam pela primeira vez na história do país prosperar e almejar poder político para ditar os rumos do país.

Originalmente ligado ao islã político, ideologia segundo a qual a religião pode resolver todo e qualquer problema criado pela modernidade, Erdogan moderou suas posições e fez do AKP exemplo do que poderia ser a conciliação entre a democracia e o mundo muçulmano.

As coisas começaram a mudar em 2013. Entre maio e agosto daquele ano, Erdogan mostrou sua face autoritária ao comandar a repressão contra os manifestantes contrários a um polêmico projeto de desenvolvimento urbano centrado no Gezi Park, em Istambul.

Em dezembro do mesmo ano, seu governo foi abatido pela revelação de um enorme escândalo de corrupção envolvendo ministros e a própria família de Erdogan. Dezenas de pessoas foram acusadas de se beneficiar de um esquema para burlar as sanções econômicas impostas ao Irã pelos Estados Unidos, por meio de trocas ilegais de ouro por petróleo.

A resposta de Erdogan foi brutal. O então premiê turco iniciou um expurgo nas forças policiais, no ministério público e no Judiciário, de forma a remover autoridades que lideravam as investigações. Como justificativa, acusou muitas dessas figuras de serem integrantes do Hizmet, um movimento social e religioso que, por mais de uma década, apoiou o AKP.

Liderado pelo imã muçulmano Fethullah Gulen, que desde 1999 vive em um auto-exílio nos Estados Unidos, o Hizmet (serviço, em turco) se dedica majoritariamente a obras educacionais, por meio das quais adquiriu influência significativa na sociedade da Turquia, mas seus integrantes também atuam com destaque na mídia e no empresariado turco. Pouco transparente, o Hizmet foi acusado de montar um "estado paralelo" e atuar para derrubar o governo.



A perseguição serviu para abafar as investigações de corrupção, mas também para ampliar o poder de Erdogan. Hoje, o Hizmet encontra-se praticamente desmontado em território turco, mas outros críticos do presidente, em diversos setores da sociedade, também estão acuados. A Turquia é o quarto país com mais jornalistas presos e o Judiciário recentemente viu 3,7 mil juízes e promotores serem removidos de seus postos por meio de um único decreto presidencial.

A perseguição esgarçou o tecido social turco. Há um temor intenso de cidadãos comuns de serem presos unicamente por criticar o presidente. Dentro e fora do país, famílias estão rompidas por conta da crise política. Contribuem para este cenário a [retomada do conflito com os separatistas curdos](#), promovida por Erdogan, e a intensificação da atuação da Turquia na Síria. Por conta desses dois eventos, o [país se tornou alvo de inúmeros atentados](#) – apenas no último

ano, foram oito grandes ataques, que deixaram pelo menos 267 mortos e mais de mil feridos.

Nesta sexta-feira 15, Erdogan não esqueceu o Hizmet. Ele atribuiu o golpe ao movimento (que criticou a intervenção militar), embora seja pouco crível que as Forças Armadas, cuja autoimagem é centrada na defesa de um estado laico, tenham qualquer simpatia pelos conservadores do Hizmet. No breve comunicado que fizeram horas após o início do golpe, os militares disseram estar atuando para restaurar a democracia e criticaram o governo por "erodir a tradição secular da Turquia".

No momento da publicação deste texto, o desfecho do *putsch* estava indefinido, mas a muitos elementos indicavam que o movimento falharia. Por um lado a Turquia se livraria de uma desoladora ditadura militar sem data para acabar, como a do Egito, mas por outro Erdogan sairá fortalecido e pronto para intensificar sua tentativa de criar um governo de um homem só, nos moldes do que Vladimir Putin faz na Rússia.

O momento chave desta empreitada deve vir em breve. Erdogan trabalha para obter, seja por meio do Legislativo, seja por meio de um referendo, a troca do regime parlamentarista da Turquia por um presidencialista. Se conseguir esse feito, Erdogan assumirá ainda mais o controle do país, inclusive sobre as Forças Armadas, agora expurgadas dos golpistas desta sexta-feira. Sem a sombra militar, que sempre pairou sobre suas ações, Erdogan não terá mais contrapesos a seu poder e estará livre para moldar a Turquia a seu próprio gosto.

Militares turcos anunciam o golpe militar na Turquia nessa sexta feira: deter imigração e o fluxo do petróleo sírio

Sambul: Generais anunciam o golpe contra o primeiro ministro turco:

A CIA por trás do golpe: conter fuga de sírios e iraquianos no país e os interesses do petróleo e o gás natural sírio no Campo Gigante de Golar (Golar FLNG Project) controle dos navios petroleiros e de gás natural (FLNG) no Nordeste Mediterrâneo e na fronteira com a Líbia e a Síria

Militares anunciam golpe na Turquia

Militares anunciam golpe na Turquia

O exército turco informou nesta sexta-feira ter tomado o poder na Turquia, o que o primeiro-ministro, Binali Yildirim, qualificou de um ato ilegal, evitando, a prin...

[Visualizar em www.otempo.co...](#) Visualizado por Yahoo



Bruno Lima Rocha

2 h ·

O mínimo que se pode afirmar quanto ao golpe militar em andamento na Turquia é uma separação entre o partido AKP e a liderança militar kemalista. As redes Ergenekon e as conexões tipo Rede Gládio pode estar sendo reativada diante de duas razões: a exigência dos serviços de inteligência da Otan - da França em particular - cobrando seu preço aos dirigentes do governo Erdogan em função de suas lealdades e vergonhosas relações com o Isis. Outra razão é justamente a vitória na guerra do Curdistão, com o PKK vencendo seguidas vezes as forças regulares otomanas. Eu temo pela vida dos mais de 11.000 presos políticos na Turquia e em particular a vida de Abdulah Ocallan. Qualquer semelhança entre este golpe e o golpe no Egito contra o governo Morsi não é nenhuma coincidência. A Otan vai cobrar seu preço e a Rússia vai receber uma resposta pela sua positiva projeção de poder na região. Problema concreto é a ascensão de oficiais generais dos lobos cinzentos - MHP - e até

uma aliança com a CHP para um governo "civil" sob tutela militar. Erdogan cavou o próprio fosso e pode levar contigo milhões de turcos, curdos, árabes, armênios e outras etnias. A única certeza do Sistema Internacional é sua imprevisibilidade.

Bruno Lima Rocha

7 h ·

A única certeza agora é que a situação mudou. Ou o gabinete de Erdogan chama um co governo ao menos com o CHP, ou veremos uma radicalização do mandato, aumentando o poder autocrático através da mobilização massiva dos eleitores islamistas do AKP. Posso estar enganado, mas o PKK se posiciona na prática contra o golpe, até por coerência interna.

A guerra contra o Isis vai se intensificar e o apoio dos EUA vai cobrar um preço alto.



Pedro Guedes

8 h · Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil ·

Com o suposto sufocamento do golpe de estado na Turquia, há duas possibilidades, ou o governo Erdogan acumulará mais poder (sim, o primeiro ministro é um fantoche), ou haverá mudança nas políticas interna e em relação á Síria. Eu acredito na primeira opção já que os oficiais rebelados serão substituídos ou por oficiais leais ao AKP, ou por ao menos oficiais com menor chance de se amotinar.

Al-Jazeera: rebeldes se rendem; golpe na Turquia aparentemente fracassou

Postado em 16 de julho de 2016 às 1:54 am



[inShare](#)



Soldados que tentaram o golpe se rendem

<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/al-jazeera-rebeldes-se-rendem-golpe-na-turquia-aparentemente-fracassou/>

Relatos ao vivo da agência árabe de notícias **Al-Jazeera** no início da manhã deste sábado na Turquia sugerem que fracassou o golpe militar. **(Atualização: algumas horas mais tarde a agência estatal de notícias da Turquia anunciou que 1563 militares foram presos. O número de mortos até aqui é 90 e o de feridos, 1054.)**

Um trecho do material da Al-Jazeera:

“Dezenas de soldados envolvidos no golpe renderam-se no sábado de manhã na ponte do Bósforo, em Istambul, que tinha sido tomada durante toda a noite, mostraram imagens transmitidas pela mídia local.

Os soldados, camuflados, saíram de trás de seus tanques segurando suas mãos sobre suas cabeças. De acordo com a agência estatal Anadolu, 50 soldados foram presos.”

Gustavo Gindre

União das Comunidades Curdas:

Gustavo Gindre

“(...) Retratar Erdoğan e a ditadura fascista do AKP como se fossem democráticos depois desta tentativa de golpe é um caminho ainda mais perigoso que o golpe em si. Retratar a luta por poder entre forças autoritárias, despóticas e anti-democráticas como uma luta entre apoiadores e inimigos da democracia servirá apenas para legitimar o atual governo fascista e déspota.

Forças democráticas não tomam o lado de nenhum campo.

A Turquia não possui um grupo civil no poder, nem isso é uma luta entre forças democráticas e golpistas. A atual luta é sobre quem comandará o atual sistema político, que é inimigo da democracia e do povo curdo. Portanto, forças democráticas não tomam o lado de nenhum desses campos nesse confronto. (...)”

Guga Chacra – 17 JULHO

Sei que a Turquia é complicada. Vou tentar fazer o possível neste post para explicar de uma forma um pouco mais simples. E peço desculpas pela demora. Mas fiquei até tarde na Globo News e, além disso, não tínhamos todas as informações. E escrevo de memória seguindo a minha teoria de que, se eu não lembro de alguma coisa que vou escrever, certamente quem ler tampouco vai lembrar.

O fim do Império Otomano

Primeiro, temos de saber um pouco da história da Turquia. Até a Primeira Guerra Mundial, existia o Império Otomano. Era um império multiétnico e multi-religioso. O comandante era o sultão, que, além de líder político, era líder religioso dos muçulmanos. Tinham muitos judeus e cristãos, especialmente em grandes cidades como Istambul, Izmir (Smyrna), Aleppo, Cairo, Beirute, Damasco, Salonica e Alexandria. A população era árabe, curda, armênia, turca, búlgara, grega e eslava.

O Império Otomano entrou em colapso depois da derrota na guerra. Seus territórios no mundo árabe foram divididos entre britânicos e franceses – hoje são Israel, Palestina, Síria, Egito (que já tinha uma certa autonomia), Líbano e Iraque. Os da Europa se tornaram independentes, em um processo que havia começado um pouco antes.

O Nascimento da Turquia

Restou o território da Anatólia e um pouco da Europa, que é a Turquia de hoje. Neste espaço, jovens militares comandados por Mustafa Kemal Atatürk decidiram criar uma nova nação. Um país

republicano, laico e turco. Isto é, passaram a valorizar a etnia turca, ocidentalizaram o país, incluindo a escrita, acabaram com sultão e instituíram uma República. Eles eram muçulmanos, mas laicos. Acharam importante separar a religião do Estado, nos moldes franceses. Este processo se chamou “Revolução Kemalista”. Simbolicamente, retiraram a capital de Istambul e transferiram para Ancara, no centro da Anatólia.

Século 20 e a Turquia Ocidental

Ao longo do restante do século 20, os kemalistas dominaram a política turca. Seu partido é o CHP. Mas a grande base do movimento laico é o Exército, além das elites de Istambul, Ancara e Izmir (Smyrna). Quando houve problema, o Exército interveio e assumiu o poder, repassando para civis posteriormente.

Judeus Sefaradis, Armênios e Cristãos Ortodoxos

Talvez você se pergunte o que houve com as minorias religiosas. Os judeus seguiram vivendo em Istambul. Inclusive, são chamados de judeus sefaradis e falam ladino, que é uma língua próxima de um espanhol arcaico. Os armênios foram alvo de genocídio durante a primeira guerra. Os cristãos grego-ortodoxos do que hoje é a Turquia migraram em massa para a Grécia, embora ainda haja em Istambul uma expressiva minoria cristã e também o Patriarcado Ecumênico da Igreja Ortodoxa, às margens do Bósforo.

Importante frisar que os armênios foram perseguidos não propriamente por questões religiosas, mas étnicas. Era turco contra armênio, não muçulmano contra cristão.

Turquia equivale a México ou Argentina

A Turquia, para esclarecer, não é um país atrasado. Está em um patamar de desenvolvimento similar ao Brasil, México ou Argentina. Tem menos desigualdade social do Brasil e incomparavelmente menos violência urbana. Também tem menos pobreza.

Turquia e a OTAN

Não podemos esquecer também que a Turquia, ao longo da Guerra Fria, era um dos maiores aliados americanos e até hoje é integrante fundamental da OTAN, como é conhecida a aliança militar ocidental.

Erdogan e AKP e no poder

Mas vamos chegar logo a Recep Tayyip Erdogan. Ele fundou um partido chamado AKP. E o AKP tem um viés religioso. Não se trata de um extremismo religioso, como a Arábia Saudita. Erdogan não é wahabbita. É apenas uma pessoa religiosa em um país laico. Os

kemalistas são muçulmanos que comem tranquilamente bacon e tomam cerveja durante o Ramadã. Erdogan e os membros do AKP jejuam.

E o AKP conseguiu vencer as eleições graças ao apoio de uma base mais religiosa no interior da Turquia somado ao, na época, elogiado desempenho de Erdogan como prefeito de Istambul. Houve, na época, uma certa cautela dos kemalistas. Odeio comparações porque podem ser mal interpretadas, mas foi similar ao momento que Lula e o PT chegaram ao poder no Brasil – aliás, foi o mesmo momento – 2002.

Política Externa de Erdogan

Erdogan assumiu como premiê (a Turquia é parlamentarista) e seu aliado Abdullah Gul como presidente. Ele superou o ceticismo ao fazer reformas importantes na economia, que geraram crescimento. Aliás, diferentemente do PT e de Lula, Erdogan nunca foi de esquerda em economia. Ele tem posições conservadoras não apenas em economia como em temas sociais. Em política externa, seu então chanceler Davutoglu buscou estabelecer boas relações com todos os seus vizinhos. Erdogan era amigo de Assad. Lembro de ir a Damasco e ver outdoor com a imagem do líder turco. Juro. Também era amigo de Israel, de Bush nos EUA, de todos. Inclusive, deixou a Turquia mais próxima da União Europeia com a estabilização da economia.

No fim de 2008, Erdogan mediava a paz entre Israel e a Síria. Só faltava assinar. Ele, Assad e Ehud Olmert, então premiê de Israel, poderiam receber o Nobel da Paz. O mundo, ou pelo menos o Oriente Médio, seria mais pacífico hoje. Em tempo, quem me disse que eles assinariam a paz foi o próprio Assad quando o entrevistei em Damasco.

Mas, na época, Israel entrou em guerra contra o Hamas na Faixa de Gaza. E os israelenses, obviamente, coordenaram com o Egito de Hosni Mubarak, que tem fronteira com Gaza. Mas não com Erdogan, que não tinha nada a ver com a história. Ainda assim, Erdogan ficou irritado. Em Genebra, brigou com o presidente de Israel, Shimon Peres.

Os curdos

Aos poucos, a partir de 2009, a Turquia, portanto, começou a mudar sua política externa. Internamente, porém, Erdogan buscava uma aproximação com os curdos. E aqui cabe uma explicação. Os curdos são uma etnia que também segue o islamismo sunita, como os turcos. Mas a religião não interessa. Interessa a etnia.

Os curdos nunca tiveram um país e se tornaram minoria na Turquia, Irã, Iraque e Síria. No caso turco, os kemalistas tinham esta política de o país ser uma república étnica turca. Os curdos não se encaixavam e não tinham direitos, incluindo o de estudar as línguas. Surgiram então movimentos separatistas curdos, como o PKK, que começaram a realizar atentados terroristas a partir do fim dos anos 1970 e começo dos 1980. Foram dezenas de milhares de mortos contra as forças turcas.

Primavera Árabe

Mas voltemos à política externa. A Turquia, que não é árabe, apostou na Primavera Árabe a partir de 2011. E apostou também que as nações árabes se tornariam democracias como a Turquia. Não apenas democracias. Democracias com participação do Islã político. No início, deu certo. A Irmandade Muçulmana assumiu o poder no Egito em eleições democráticas.

Na Síria, Erdogan fez a sua maior aposta. Abandonou seu ex-amigo Assad e passou a apoiar rebeldes da oposição. Mais do que isso. Começou a permitir que jihadistas de todo o mundo entrassem na Síria para lutar contra Assad. O regime de Assad, não podemos esquecer, é laico, mas conta com o apoio das minorias muçulmanas alauíta, cristã e drusa, além de sunitas não religiosos similares aos kemalistas. Erdogan queria uma democracia controlada por sunitas.

Para complicar, Assad concedeu uma certa autonomia aos curdos na fronteira com a Turquia. Estes curdos, que lutavam contra os jihadistas, mas não contra Assad, eram aliados dos curdos na Turquia, do PKK.

Política Doméstica de Erdogan

Internamente na Turquia, Erdogan passou a ter planos de se tornar presidente. Não apenas presidente. Mas presidente em um regime presidencialista, retirando poderes do premiê. Em 2014, ele atingiu seu objetivo se eleger presidente. Era fácil. Mas não obteve a super maioria para seu partido, o AKP, conseguir mudar a Constituição. Na prática, no entanto, Erdogan se tornou o grande líder da Turquia. O premiê passou a ser seu aliado de sempre, Davutoglu.

A oposição se divide entre os kemalistas, os nacionalistas e os curdos não ligados ao PKK. Dividida, não consegue evitar a consolidação no poder de Erdogan. O líder turco, porém, sempre paranoia com um outro grupo – os gulenistas.

Os gulenistas integram um movimento mais religioso que segue um líder atualmente exilado nos EUA. Eles são extremamente educados (no sentido de educação formal, acadêmica). Há

membros em todos os setores da sociedade turca – militares, juízes, médicos, jornalistas, acadêmicos. Não há paralelo no mundo.

Erdogan sabe da influência dos gulenistas, que foram seus aliados no passado. E tem uma paranoia atualmente em relação a eles. Tanto que os acusa, em parte, pela tentativa de golpe.

Paranoia de Erdogan

Nos últimos tempos, a paranoia de Erdogan se agravou. Manda prender jornalistas que o criticam. Afasta juízes e generais. Censura a imprensa. O tempo todo acha que alguém trama contra ele. Externamente, Erdogan vinha agindo da mesma forma, ao entrar em atrito com a Rússia na Síria e seguir brigando com Israel e Assad – curiosamente, apesar de estar em lado antagônico na Guerra da Síria, Erdogan sempre manteve uma boa relação com o Irã, que, além de tudo, é xiita. Isso se deve ao comércio bilateral. Erdogan também se dá bem com os curdos do Iraque por causa do comércio.

ISIS (Estado Islâmico ou Daesh)

Dentro deste cenário, no ano passado, a Turquia começou a alterar sua política em relação aos jihadistas. O ISIS, também conhecido como Grupo Estado Islâmico ou Daesh, começou a realizar atentados terroristas. O país passou a integrar a coalizão liderada pelos EUA para combater a organização. Ao mesmo tempo, Erdogan também passou a bombardear os curdos da Síria que lutavam contra o ISIS.

O resultado foi o início de atentados terroristas na Turquia tanto do PKK como do ISIS, sendo o mais recente no aeroporto. Sua popularidade não foi tão atingida, com o AKP vencendo eleições. A base dele é forte e foi beneficiada pelo bom desempenho econômico, surgindo uma nova classe média.

Mudança de postura

Apesar disso, crescia a insatisfação em determinados setores das Forças Armadas e também da elite em Istambul. No exterior, a insatisfação de Erdogan era crescente. O líder turco soube ler especialmente o cenário externo (e em parte porque viu que até seu aliado Davutoglu o criticava e deixou o governo). Fez um acordo com a União Europeia para reduzir o número de refugiados e imigrantes cruzando da Turquia para a Grécia de barco. Também voltou a se aproximar da Rússia e de Israel. Alguns diziam até que Erdogan passaria a tolerar Assad para haver uma união maior contra o ISIS.

O Golpe

Mas certamente isso não foi suficiente para uma parcela das Forças Armadas. Na noite desta sexta-feira, levaram adiante um golpe militar. Inicialmente, obtiveram sucesso. Erdogan, de férias no Mar de Marmara, convocou a população para ir as ruas contra os golpistas. O cenário, naquele momento, começou a se reverter.

Erdogan também teve o apoio externo imediato, com os EUA denunciando o golpe. Dentro da Turquia, os três principais partidos de oposição também disseram ser contra o golpe. Na Globo News, até comparei estes partidos ao PSDB e o DEM condenando o impeachment contra Dilma, mas esta comparação é descabida e peço perdão. Não deveria ter misturado as duas coisas ao vivo e sem contexto (se bem que pouca gente ligou). Mas, enfim, a condenação dos kemalistas, nacionalistas e curdos pesou muito. E, para completar, os gulenistas também condenaram

Neste momento, em uma situação fluída, parece que Erdogan saiu vencedor. Ou, pelo menos, não foi derrotado. Os golpistas parecem ter fracassado. Erdogan acusa os gulenistas, que negam. Outros falam em auto-golpe. Nada é impossível na Turquia de Erdogan, assim como na Rússia de Putin. Acho possível que organizasse um auto-golpe para se fortalecer. Mas creio que seria diferente do que vimos e não haveria centenas de mortos. Talvez, se tiver fugido do controle. Ainda assim, acho improvável.

O certo, apenas, é que uma parcela considerável do médio e baixo escalão das Forças Armadas da Turquia tentou derrubar Erdogan. E aparentemente fracassou. A Turquia, no entanto, independentemente do resultado final, será outra. Creio que pior. Sempre lembro da Venezuela depois do golpe que tentaram dar contra Chávez. O chavismo se radicalizou e ficou bem mais paranoico a partir daquele momento. O mesmo pode ocorrer com Erdogan. Mas estes temas ficam para outros posts e para os meus comentários na Globo News.



ESTADÃO.
Tem muit
que você

Tudo o que você queria saber da Turquia e tinha medo de perguntar

Sei que a Turquia é complicada. Vou tentar fazer o possível neste post para explicar de uma forma um pouco mais simples. E peço desculpas

INTERNACIONAL.ESTADAO.COM.BR

Turkish People Power foils attempted Coup

By contributors | Jul. 16, 2016 |

<http://www.juancole.com/2016/07/turkish-people-attempted.html>

By Juan Cole | (Informed Comment) | – –

The poorly planned junior officers' coup in Turkey on Friday appears to have failed as I write late Friday night, though rebel military elements still hold positions in some parts of the country, including Ankara, the capital. Their allegiances and motives are still unclear.

Remarkably, among the reasons for the failure was the determined stance of the Turkish people who stood up for their democracy, even if about half of them deeply dislike President Erdogan.

Crowds came out into the streets in Istanbul and Ankara. Individuals stood or lay down in front of tanks.

Some civilians even arrested mutinying troops!

After the military faction took over state tv, crowds invaded the station and allowed its anchors to come back on line.

An army faction and street crowds battled back and forth for control of the offices of CNN Turk, and could be heard on live feed even as the cameras showed an empty room.

Although in the nature of the case many of the members of such anti-coup crowds were drawn from the ranks of partisans of the ruling Justice and Development Party (AKP), others hailed from the student movement of 2013 that mobilized over preserving Gezi Park, and who had been repressed by the Istanbul police.

Moreover, the major opposition political parties all came out against the coup.

The party with the greatest reason to resent Erdogan is the pro-Kurdish Peoples' Democratic Party (HDP), whose members Erdogan is attempting to expel from parliament. He had a law passed taking away their parliamentary immunity in preparation for just that step. When they won 13% of the vote last summer,

Erdogan engineered a second election to attempt to lock them out of parliament (you need 10% of the vote to be seated). The president appears to have deliberately broken off the peace process with the PKK and ramped up a war on separatist, leftist Kurdish guerrillas (who were not blameless since they were attacking Turkish security forces), in hopes of cutting into the HDP vote by promoting Turkish nationalism and anti-Kurdish sentiment. Even though Erdogan has played them about as dirty as you could play other politicians, *Sabah* reports that

“In a joint written statement, People’s Democratic Party (HDP) co-chairs, Selhattin Demirtaş and Figen Yüksekdağ, said no one replaces himself as the national will. “HDP takes a stand against every coup in every condition. . . There is no way beside protecting . . . democratic politics.”

Another party that despises Erdogan is the centrist, secular Republican People’s Party (CHP). As leader of a center-right pro-Muslim party, Erdogan is everything the CHP stands against. They don’t like his pro-Muslim Brotherhood foreign policy, his support for Hamas, his intervention in Syria. They don’t like his encouragement of religious symbols and practices on state property, which they see as sectarian. Uncharismatic CHP leader Kemal Kılıçdaroğlu said that the “Community should give joint reaction to every coup attempt . . . This country was wracked with coups. We do not want to go through the same troubles. We’ll protect our republic and democracy; keep our commitment to the free will of our citizens . . . So, whoever does, wherever it comes, we should take a joint stand against the coup as we take a joint stand against terrorism.”

Likewise, the Turkish Nationalist Movement Party (MHP), denounced the attempted coup.

Those are the three other most powerful parties in the country aside from the Justice and Development Party of Erdogan itself, which holds 50% of the seats in parliament and so was able to form a government without coalition partners. They all firmly rejected the coup.

Ironically, Turkish democracy is in deep trouble. President Erdogan looks at the system as an elective dictatorship— the only role of the people is to vote in a regular referendum on him and his party, after which they should demobilize and let him do as he will. No one, he says, has a right to criticize an elected leader who represents the will of the people (Rousseau meets Ottomanism). Erdogan has mercilessly cracked down on the press, jailing journalists for reporting news he didn’t like.

Even under these circumstances, the Turkish people rejected a military take-over, across the board.

People power has often helped return the military to the barracks after a coup, as with the protests in Pakistan in 2007 over Gen Pervez Musharraf's tinkering with the Supreme Court, which forced him to step down in favor of a democratically elected government. But this Turkish moment is important because it didn't just end a military dictatorship, it helped nip one in the bud.

—

Related video:

Bloomberg: "Crowds Take to the Streets in Turkey, as Army Attempts Coup"

Posted in Authoritarianism,Featured,military,nationalism,Turkey | 17 Responses | Print

1. [Mustafa Akyol retweetou](#)



((Mosharraf Zaidi)) @mosharrafzaidi 7 hHá 7 horas

<https://twitter.com/AkyolinEnglish>

Important insights on Erdogan vs Gulen, from January 2014, by the wise & erudite [@AkyolinEnglish](#) [al-monitor.com/pulse/original_____... #Turkey](#)

21 retweets32 curtiram

21

32

2. [Mustafa Akyol retweetou](#)



StreetStreamTR @StreetStreamTR 4 hHá 4 horas

Taksim Square, Turkey [#NeverForgetJuly15](#) [#TurkeyCoupAttempt](#) [#RejectTheCoup](#)



21 retweets10 curtiram

21

10

3. [Mustafa Akyol retweetou](#)

URKEY PULSE



TÜRKİYE'NİN NABZI



Turkey's Prime Minister Recep Tayyip Erdogan greets his supporters as he arrives for a meeting at the parliament in Ankara, Jan. 14, 2014. (photo by REUTERS/Umit Bektas)

Erdogan vs. Gulen: Who has God on his side?

<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/01/turkey-erdogan-gulen-political-secularism.html>



Mustafa Akyol

Columnist

Mustafa Akyol is a columnist for Al-Monitor's Turkey Pulse, a columnist for the Turkish Hurriyet Daily News, and a monthly contributing opinion writer for The International New York Times. His articles have also appeared in Foreign Affairs, Newsweek, The Washington Post, The Wall Street Journal and The Guardian. He is the author of [Islam Without Extremes: A Muslim Case for Liberty](#). On Twitter: [@AkyolinEnglish](#)

Read more: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/01/turkey-erdogan-gulen-political-secularism.html#ixzz4EeMZy8vL>

In today's Turkey, a single issue dominates the public agenda: the political battle between the government of Prime Minister Recep Tayyip Erdogan and the religious community of Fethullah Gulen. Every recent dispute — the [corruption probe](#) against the government, an investigation of an alleged [arms-carrying truck](#) crossing the Syrian border, the [raid on al-Qaeda](#) — is interpreted as being a part of that big war. Many seem to agree — but not able to prove — that the prosecutors who play an active role in these probes are motivated by their membership in the Gulen movement. They passionately disagree, though, on whether this political motivation should delegitimize the investigations as “coup attempts,” or whether the [evidence for corruption](#) and other misdeeds should be the real focus.

Summary [Print](#) Political secularism may be the best path to moderation.

Author [Mustafa Akyol](#) Posted January 19, 2014

Translator [Ezgi Akin](#)

For sure, all this is politics — and politics by other means. However, the religious commitments of both sides also bring a theological element to the fore. Both sides believe they are on the right path, not just politically but religiously. Both sides, in other words, seem to believe that God is on their side.

This is somewhat visible in the rhetoric of Gulen — and perhaps not too surprisingly considering he's a religious leader. During the heat of the political tension, for example, he gave an emotional sermon in which he called on God to punish the unjust in this drama. “Those who don't see the thief but go after those who chase the thief ... may God bring fire to their homes,” he said in a video message to followers that was widely broadcast on Turkish TV. And when Erdogan vowed to go after Gulen movement members in their judiciary “lair” — likening them to wild predators — Gulen responded, “[God sees who is in a lair.](#)”

To be fair, Gulen has never explicitly said “God is on our side,” but some of his followers seem to believe as much. A common argument is that the attacks on the Gulen movement will inevitably “touch *Gayretullah*,” literally meaning “effort of God” and implying that God can interfere in human affairs to prevent or punish wrongdoings. For example, when the 1999 earthquake shook the headquarters of Turkey's ultrasecularist military, it was rumored among conservatives that “*Gayretullah*” might have targeted the anti-Islamic generals.

Meanwhile, the Justice and Development Party (AKP) seems to believe that divine will is on its side. Since the beginning of this latest tension with the Gulen movement last November, Erdogan referred to God dozens of times during his tirades against the movement. In a Jan. 17 speech to the graduates of religious Imam-Hatip schools, he quoted Prophet Muhammad: “Do not fear, worry or get sad; [God is with us.](#)” In one of his earlier outbursts against the Gulen movement,

he said, “Whatever you do, you will not be able to harm this religion. [It is an exalted religion](#), our Book [Quran] is protected” — as if the issue was Islam or scripture.

Besides these religious themes, both sides in this battle use moralistic arguments. According to voices in the AKP camp, the [Gulen movement](#) is a “traitor” to Turkey and Islam, which has engaged in an “unpatriotic” alliance with Zionists, US neocons and others who arguably want to see a “weaker” Turkey. But according to voices in the Gulen movement, the AKP has become a cadre of corrupt politicians — if not “thieves” — along with their lackeys who plunder state resources while using hypocritical rhetoric of claiming to serve Islam. They add that many prominent names within the AKP camp got suspiciously rich, while the members of the Gulen movement still lead modest, honest lives.

However, in the midst of all these religious and moral arguments, there is a third view aired by other religious figures. The writings of Hidayet Sefkatli Tuksal, an Islamic feminist, often combine liberal views with Islamic values. On Serbestiyet, a liberal opinion website, she recently wrote an emotional piece titled, “[Leave God alone, and fight your battle on your own!](#)” She wrote, “I am sad and unhappy that both sides try to portray God as on their side, that both sides exploit the name of God in their struggle for power and that they make [other] people feel cold about religion, faith and the faithful.”

Another female Islamic pundit, Sibel Eraslan, wrote an article for the conservative, pro-AKP daily *Star*, in which she suggested an interesting solution to this intrareligious political conflict: secularism. She wrote:

“The [Gulen] community-AKP conflict invites us to [think more seriously about 'secularism'](#) ... [because] the fight for political space and power among the pious, forces us to look for a new referee.”

The term “referee” (“*hakem*”) is a powerful word in Islam, referring to a neutral and fair judge who can settle disputes. Hence, it is notable that Eraslan, a pious, headscarf-wearing Muslim, thought this “referee”

could be secularism, a principle that similarly pious Muslims have often seen as anathema to Islam.

Such theoretical deliberations surely don't top Turkey's political agenda these days, but they should still be considered as significant, at least for the future. Because in addition to Tuksal and Eraslan, other third parties with religious commitments look at this conflict with grief, hoping for a solution that will “build peace among Muslims.” They see the conflict as mainly political, but the religious themes on both sides increase its passion. Why not consider putting religious arguments aside for a moment and discuss temporal issues only as temporal issues?

Of course, this is a burning need, not just in Turkey but also the rest of the Muslim world, for self-righteous Muslim factions to sometimes fight with each other believing that God is on their side. In Syria, for example, most of the current warring factions have claims of Islamic righteousness. If considered wisely, the lesson from these conflicts is that Muslims might use a form of political secularism (or just secularity, to use a more neutral term) to help build peace and moderation among themselves. If considered wisely, in other words, this is a good reason to see secularity, which has often been regarded as a Western-imposed and thus anti-Islamic scheme, as an Islam-friendly principle.

Read more: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/01/turkey-erdogan-gulen-political-secularism.html#ixzz4EeML09Dq>

[NEWS DESK](#)

THE PURGE BEGINS IN TURKEY

By [Dexter Filkins](#)

, JULY 16, 2016

Supporters of Turkish President Tayyip Erdogan rallying in Istanbul on Saturday. PHOTOGRAPH
BY ALKIS KONSTANTINIDIS / REUTERS

http://www.newyorker.com/news/news-desk/the-purge-begins-in-turkey?mbid=social_facebook

Tentativa de golpe de Estado estremece as relações entre Turquia e EUA

Washington responde com contundência a Ancara e afirma que insinuar que possa estar por trás do levante é “totalmente falso” e “prejudicial”

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/17/internacional/1468748120_802124.html?id_externo_rsoc=FB_CC

REUTERS - Washington 17 JUL 2016 - 19:36 CEST



O secretário de Estado John Kerry, na sexta-feira passada. ALEXANDER ZEMLIANICHENKO (AP) / ATLAS

As relações entre a Turquia e os Estados Unidos se tornam mais tensas à medida que as horas passam desde a [tentativa de golpe de Estado](#) da noite de sexta-feira. As insinuações [do Governo de Erdogan](#) de que os norte-americanos podem estar por trás da rebelião militar provocaram feridas na Administração de [Barack](#)

[Obama](#). John Kerry, secretário de Estado e principal responsável pelas relações internacionais, mandou uma mensagem direta às autoridades turcas: esse tipo de acusação é “totalmente falsa” e “prejudica” as relações bilaterais.

MAIS INFORMAÇÕES

- [Erdogan faz expurgo político e militar na Turquia após a tentativa de golpe](#)
 - [O sultão, a história e os generais](#)
 - [Quem é quem na tentativa de golpe de Estado na Turquia?](#)
-

"Kerry afirmou que os EUA estão dispostos a proporcionar ajuda às autoridades turcas que investigam o golpe, mas quaisquer insinuações ou afirmações sobre qualquer papel dos EUA [no fracassado golpe de Estado](#) são completamente falsas e prejudicam nossas relações bilaterais", enfatizou John Kirby, porta-voz do secretário de Estado.

Essas palavras se produziram também depois que Erdogan acusou seu antigo aliado e agora inimigo Fethullah Gulen, autoexilado nos Estados Unidos, de estar por trás do golpe, o que o clérigo negou na sexta-feira em um comunicado. Diante dessa situação, o presidente turco pediu a Washington a extradição de Gulen, mas seu ministro de Relações Exteriores reconheceu que ainda não foi encaminhada uma solicitação formal.

Nesse sentido, Kerry afirmou que está disposto a “estudar” qualquer “prova legítima que embase uma averiguação” da implicação do clérigo, residente na Pensilvânia, na ação golpista. “Estou certo de que vai haver algumas discussões a respeito”, antecipou o secretário de Estado, que prometeu que tomará uma “decisão apropriada” a respeito.

Essas tensões bilaterais dificultam a atividade militar que os EUA desenvolvem a partir da Turquia, onde operam na base de Incirlik, a 110 quilômetros da fronteira com a Síria, e de onde lançam ofensivas para combater o [Estado Islâmico](#). Os EUA suspenderam neste sábado temporariamente essas operações por causa do fechamento do espaço aéreo para aviões militares, decretado depois da fracassada tentativa de golpe.

JUAN CARLOS SANZ

16 JUL 2016 - 02:42 CEST

Um teste para Erdogan?

Desde o levante de 1980, os generais tinham se limitado a marcar o passo dos políticos

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/15/opinion/1468617987_680137.html?rel

=mas



Quando os turcos pareciam ter enterrado a ameaça dos golpes de Estado com tanques nas ruas, e até ter devolvido os militares aos quartéis para sempre, as [imagens dos tanques no aeroporto de Atatürk de Istambul e nas pontes sobre o Bósforo](#) golpeiam como uma maldição bíblica um país-membro da OTAN e candidato a se integrar à União Europeia.

MAIS INFORMAÇÕES

- [Militares golpistas dizem ter tomado o controle da Turquia](#)
- [FOTOGALERIA](#) [A tentativa de golpe de Estado na Turquia](#)

Desde o levante de 1980, o mais sangrento dos três motins que a Turquia viveu em menos de duas décadas, os generais tinham se limitado a marcar o passo dos políticos com simples ordens, batendo com o punho na mesa, como aconteceu para forçar a destituição em 1997 de Necmettin Erbakan, o primeiro chefe de Governo muçulmano na história da Turquia moderna, ou com um simples anúncio no site do Estado-Maior das Forças Armadas, dez anos mais tarde.

Mas o chamado golpe eletrônico ou *e-golpe* de 2007 colidiu na época com a firmeza do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP na sigla em turco), a formação política neoislâmica fundada por [Recep Tayyip Erdogan](#) que conquistou quatro mandatos com maioria absoluta nas urnas desde 2002. O contundente peso dos votos e a formidável força política do AKP rejeitou a tentativa antes e devolveu aos governantes civis a autonomia que tinham apenas na aparência desde a fundação da República, em 1923, após o colapso do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial.

O Governo do AKP, apoiado por setores islâmicos infiltrados na polícia e na Justiça, acabou levando aos tribunais dezenas de generais e almirantes, além de centenas de oficiais em vários macroprocessos contra as tramas golpistas e retrógradas dentro do Exército. Exatamente quando Erdogan se livrou da tutela da bota militar e aquartelou os comandantes militares propensos a intervir na política, o líder turco revelou sua autêntica agenda escondida, que não era a imposição da sharia, como temiam os setores leigos da sociedade — é mais um conservadorismo religioso o modelo que finalmente apareceu —, mas um regime autoritário que despreza as minorias, os dissidentes ou os descontentes para esmagá-los com a hegemonia nas urnas.

Quando estas linhas estão sendo escritas ainda há dúvidas se os tanques que tomaram as ruas terminarão retornando às suas bases, como teve que ordenar finalmente o general Jaime Milans del Bosch em Valência depois do fracassado golpe na Espanha em 23 de fevereiro de 1981 ou continuarão mantendo seus canhões apontados de forma permanente e com consequências imprevisíveis para um grande país em crescimento, que evoluiu muito e progrediu nas últimas

décadas em busca da modernidade e de completar seu caminho até a meta de ser uma ponte entre o Oriente e o Ocidente.

•

Após tentativa de golpe, 2.745 juízes são destituídos na Turquia

Após o fracassado golpe militar na noite de sexta-feira (15) na Turquia, um total de 2.745 juízes foram destituídos neste sábado (16) pela Junta Superior d...

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

NOTICIAS.BOL.UOL.COM.BR · 3.271 COMPARTILHAMENTOS

•



Tentativa de golpe de Estado na Turquia

Forças de segurança turcas encerraram as duas pontes sobre o estreito do Bósforo, em Istambul, e foram ouvidos jatos militares voando baixo sobre Ancara, tendo o primeiro-ministro admitido que esteja em curso um golpe militar.

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

SAPO · 1.872 COMPARTILHAMENTOS

•



Ministro turco acusa EUA de organizarem tentativa de golpe militar

Um ministro turco acusou autoridades dos EUA de organizarem a tentativa de golpe militar na Turquia, informou o canal de TV Haberturk.

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

Defeating ISIL in Iraq will Take Sunni-Shiite Reconciliation, not Just Tanks

<http://www.juancole.com/2016/07/defeating-shiite-reconciliation.html>

|

2

Retweet12Share12Google +11

By Neil Thompson | (Informed Comment) | – –

As Iraqi, Kurdish and Syrian forces squeeze its territory in the Arab world and Turkey hunts down the group's support networks and sympathisers inside its territory, it can seem like the days of Islamic State (IS) are finally numbered after a two year reign of terror in the region.

However it is worth remembering then that the West and local actors have been here before, when the predecessor group to IS was standing on the brink of defeat in the late 2000s. Following the US withdrawal however, the chance to prevent its re-emergence by inviting the Iraqi Sunni community into the Iraqi political mainstream was missed and the Sunni jihadi group was allowed the opportunity to rebuild and remerge.

The past history of IS is a salutary reminder that after the group's defeat this time around the devastated areas it has occupied in Syria and particularly Iraq will need to be rebuilt and re-engaged in the political process, if the violence is ever to end and these fragmented states to be rebuilt.

Ten years ago this summer the Jordanian national known as Abu Musab al-Zarqawi was killed by two US laser guided bombs when the safehouse he was attending a meeting at was targeted by the US occupation forces.

Between 2003-2006 the network of Sunni Islamic extremists Zarqawi had originally founded in Afghanistan became notorious across Iraq for its cruelty and extreme sectarianism towards non-Sunni Muslims. But the death of its leader did not stop the anti-occupation insurgency in Iraq nor put an end to the group he had founded, then called Al-Qaeda in Iraq (AQI).

AQI went on to merge with other Sunni militant groups in the country and subsequently renamed itself the Islamic State of Iraq (ISI),

continuing a campaign of terror against Iraq's Shi'a civilian population that helped to spark a sectarian war in Iraq.

However ISI went into a pronounced decline shortly after Zarqawi's death under the impact of the much mythologized American 'Surge' which bribed former Sunni tribal allies to turn against the network and killed scores of top leaders and hundreds of its militants.

The events of 2006-8 showed how vulnerable the AQI/ISI organisation could be when concerted pressure was applied against it simultaneously from without and within the Iraqi Sunni community. However it was not the end of the road for Zarqawi's old group quite yet; retreating to lick its wounds around Mosul, the group was gradually able to reconstitute itself as the spearhead of Sunni opposition to the bigoted and dictatorial rule of former Iraqi strongman Nouri al-Maliki following the American withdrawal in 2011.

Here is the heart of the problem for Western leaders as IS falters today; though al-Maliki was deposed at the insistence of President Obama as the price of renewed American aid after the forces of IS swept up to the gates of Baghdad in 2014, both his governing chauvinistic Dawa Party and the corrupt patronage system bequeathed to Iraq by its American and British occupiers remain intact.

This augurs badly for efforts at reconciliation after IS loses its twin capitals in Mosul and Raqqa because the bedrock of support for IS has always been within the Iraqi Sunni community.

While IS took advantage of the partial collapse of the Assad regime to expand into Syria, many Syrian jihadists subsequently defected to al-Qaeda's local franchise Jabhat al-Nusra. Sunnis form the confessional majority inside Syria and while many feel marginalised by the present Alawite-dominated Assad regime, their numerical strength means the community is likely to gain political strength from any settlement at the end of Syria's civil war.

The same cannot be said of Iraq's once-dominant Sunnis, whose home areas have been devastated by repeated bouts of fighting and who have never regained the position they lost after the US/UK invasion in 2003. Too many Iraqi Shi'a do not trust the Sunni community and are determined to make sure it remains marginalised inside Iraqi politics.

This is a self-defeating proposition if western Iraq is neither to break away nor be the subject to massive sectarian cleansing as Baghdad was before the US Surge. It is noticeable armed opposition to Iraq's new order escalated sharply after the failure of Sunnis to break back

into the political life of Iraq in the 2010 elections and the brutal official [response](#) to subsequent protests.

In 2010 the Sunni community felt cheated when it backed the mixed community Iraqi National Movement bloc under Ayad Allawi which won a narrow plurality of seats in the Iraqi parliament, only to see the Iraqi courts promptly declare that incumbent al-Maliki had the first right to form a new government.

To form this new government Al-Maliki joined forces with hardline Shi'a cleric Muqtada al-Sadr's Sadrist movement, whose militias had been behind much of the sectarian killings of Sunnis in Baghdad. Al-Maliki then began declaring the Iraqi National Movement supported the banned Baath party and [arresting](#) prominent Sunni politicians he accused of involvement in terrorism. Sunnis started to protest on the streets of major Iraqi cities, and when these were attacked by the security forces the protests became an armed revolt against Baghdad.

If history is not to repeat itself after the fall of IS then the door to real talks must be open to the Iraqi Sunni community. Many Sunnis would be interested in entering into a genuine political dialogue with the Iraqi central government around regional autonomy for the six Sunni Iraqi provinces, and perhaps funding for jobs, in exchange for the expulsion of any remnants of Sunni extremist groups. After all the confrontational strategy employed by these militant groups has cost Iraq's Sunnis thousands of lives and practically destroyed [important](#) Sunni centres like Ramadi.

Following the dissolution of Islamic State's so-called Caliphate, the movement will probably attempt to repeat the trick it pulled after the Surge and fade into the fabric of Iraq's Sunni areas, only to return later to launch a terrorist campaign aimed at Shi'a civilian areas. The IS movement has proved adept at moving between conventional and guerrilla warfare whilst maintaining terrorist cells to strike abroad or at home if it needs to distract attention from a particular setback.

The international community should push the authorities in Baghdad hard at this point not to treat the Sunni provinces of Iraq as occupied territory and thus repeat the mistakes of the past ten years. That would just retroactively legitimise the harsh rule of IS in the areas it conquered when the objective should be to provide a better standard of government entirely after the group's awful reign. Only reconciliation, autonomy and economic aid can now break the appeal of the political programme of extremist jihadi networks once and for all among Iraq's Sunni youth.

Outsiders have long found it difficult to control events in Iraq's fractious politics, and even the dominant Iraqi Shi'a community has split between nationalist and pro-Iranian groups with conflicting agendas. However the collapse of the Iraqi army in 2014 has demonstrated to Baghdad's Shi'a leaders that they cannot control Sunni areas by force, and has reopened the door to American military influence. Furthermore whilst Shi'a 'popular militias' have proven good at taking back lost territory with heavy US and Iranian support they have been unable to prevent mass-casualty terrorist attacks while groups like IS operate from Sunni areas. Keeping soft targets in Shi'a areas safe will require Sunnis to cooperate in dismantling the terrorist cells that perpetuate the violence.

The point that Iraq's civil war resumed with unprecedented ferocity after former Prime Minister Al-Maliki threw away the cobbled together settlement bequeathed to him by the US is one President Obama should remind his successors about now. Moreover whilst the US will work with the Iraqi army, Washington and the Shi'a militias try to avoid cooperating together publically. This is actually an advantage for American influence because while the Dawa Party, the main player in the ruling Shi'a coalition, controls the purse strings it lacks its own militia and must rely on the Iraqi army – a point in Washington's favour.

The formation of the Iraqi National Movement proves that Iraqi Sunni and Shi'a political factions can work together inside Iraq's political system, if only for reasons of self-interest. While the fight against IS is still ongoing is the time to seek out Iraqi Sunni leaders who might be willing to cooperate against the militants if it means keeping dubious Shi'a militias out of their areas. Washington should use the leverage its backing of the Iraqi army gives it with the ruling circles in Baghdad to push for Sunni forces to secure some Sunni areas as a small start to mutual reconciliation between the two communities in Iraq.

Neil Thompson is a freelance writer who has lived and travelled extensively through East Asia and the Middle East. He holds an MA in the International Relations of East Asia from Durham University, and is now based in London.

Related video added by Juan Cole:
[Wochit News: "ISIS On The Decline"](#)

•

Turkish People Power foils attempted Coup



By Juan Cole | (Informed Comment) | - - The poorly planned junior officers' coup in Turkey on Friday appears …

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

JUANCOLE.COM · 1.141 COMPARTILHAMENTOS

•



The Real Problem with the Iraq War: It was Illegal

By Juan Cole | (Informed Comment) | - - I won't disguise my impatience with the of the Chilcot Report …

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

JUANCOLE.COM · 1.125 COMPARTILHAMENTOS

•



Long Knives in Ankara: Victorious Erdogan begins Purge of Judiciary, Army

By Juan Cole | (Informed Comment) - - President Tayyip Erdogan is taking advantage of the failed coup against him …

[Compartilhar](#)

[Salvar](#)

JUANCOLE.COM · 398 COMPARTILHAMENTOS

Presidente da Turquia pode ter forjado golpe militar, afirmam especialistas

Erdogan teria "oportunidade para ele se livrar de focos de descontentamento" com seu governo

R7 Página Inicial = <http://noticias.r7.com/internacional/presidente-da-turquia-pode-ter-forjado-golpe-militar-afirmam-especialistas-19072016>



Presidente defendeu a pena de morte contra os golpistas, afirmando ser a “opinião do povo” *Reuters*

A tentativa de golpe na Turquia na noite de sexta-feira (15) pegou muitos analistas internacionais de surpresa e provocou o caos nas ruas do país. Após horas de instabilidade — nas quais setores do exército turco fecharam importantes vias da capital, Ancara, e de Istambul — o governo do presidente eleito Recep Tayyip Erdogan afirmou ter retomado o controle da nação.

Depois do incidente, o governo turco acusou o clérigo Fethullah Gulen — que atualmente está exilado nos Estados Unidos — de ter planejado o golpe. No entanto, Gulen afirma que o responsável pelo levante **teria sido o próprio presidente Erdogan** — uma hipótese que vem ganhando força nas redes sociais. “Evidentemente, houve uma tentativa de golpe”, analisa o coordenador do NEOM (Núcleo de Estudos do Oriente Médio) da UFF (Universidade Federal Fluminense), Paulo Hilu. No entanto, segundo o especialista, não é possível afirmar categoricamente se o levante foi forjado ou não.

Recep Tayyip Erdogan: quem é o presidente de pulso firme que divide a Turquia

— É uma troca de acusações. O Erdogan desde o início acusou o Gulen. A questão é que, obviamente, o fracasso do golpe beneficia o Erdogan, porque dá a oportunidade para ele se livrar de focos de descontentamento com seu governo, tanto dentro do exército quanto do judiciário.



Erdogan é acusado de impor uma “islamização forçada” ao país *Reprodução/Facebook*

Desde a tentativa fracassada de golpe, **30 governadores e 7.899 policiais foram detidos na Turquia**, segundo o Ministério do Interior do país. Na segunda-feira (18), o presidente Tayyip Erdogan defendeu a **pena de morte contra os golpistas**, afirmando que “o povo tem a opinião de que esses terroristas deveriam ser mortos”. Ele também pediu a extradição do clérigo Fethullah Gulen dos Estados Unidos e anunciou que **vai “limpar” o exército turco**.

Todas essas medidas, somadas à denúncia de um membro da União Europeia de que os nomes de quase 3.000 juízes e oficiais militares presos após o golpe fracassado já constavam de uma lista preparada pelo governo antes do levante, reforçam a teoria de que as autoridades do país poderiam ter conhecimento prévio da trama.

Também na segunda-feira, os Estados Unidos alertaram o governo turco para **não “ir longe demais” ao levar à justiça os responsáveis pela tentativa de golpe**.

Tradição

Fundado em 1922 por Mustafa Kemal Atatürk, o estado moderno da Turquia tem como modelo o secularismo (é um estado laico) e o nacionalismo turco. Ao longo dos anos, os seguidores dessa corrente passaram a ser denominados kemalistas — cujos maiores defensores se concentraram no exército turco.

Nas últimas décadas, o exército foi responsável por quatro golpes de estado na Turquia — em 1960, 1971, 1980 e 1997 —, justificados pela suposta defesa dos valores kemalistas. Essa motivação teria sido a mesma que levou os setores militares a se levantarem contra Erdogan e tentar conquistar o poder à força na noite de sexta-feira.

No poder desde 2003 — inicialmente como primeiro-ministro e, a partir de 2014, como presidente —, Erdogan é membro do partido AKP, e vem, ao longo dos

anos, sendo acusado por seus inimigos políticos de impor uma “islamização forçada” ao país, o que contraria a tradição secular do estado moderno da Turquia.

Seu compromisso com a democracia também é colocado em dúvida, tendo seu governo perseguido e prendido jornalistas arbitrariamente e **impondo a censura aos órgãos de comunicação do país** e até mesmo às redes sociais. Ele também já comparou a democracia com “um ônibus que você pega até seu destino, e depois desce.

Cientista político e professor de Relações Internacionais da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Bruno Lima Rocha também desconfia da informação oficial divulgada pelo governo turco a respeito do golpe militar.

Primeiro-ministro da Turquia anuncia sua renúncia

Ele lembra que Erdogan já foi acusado de ter forjado atentados contra o próprio povo, e vem usando a retórica da segurança nacional para perseguir as minorias do país, como os curdos no sul. Além disso, seu governo foi acusado pela Rússia de **favorecer o grupo extremista Estado Islâmico na Síria** — país que faz fronteira com a Turquia.

— A conspiração dos militares para tomar o poder pode ter existido, mas com requintes de manipulação. Aposto que se houve autogolpe, poucos oficiais sabiam que se tratava de uma farsa. Eu entendo que existe tal possibilidade, assim como algo semelhante pode ter ocorrido com o atentado ao aeroporto de Istambul.

De acordo com Rocha, com a fracassada tentativa de golpe no país, o presidente Erdogan deverá endurecer ainda mais seu governo e, ao mesmo tempo, avançar “de forma paulatina” para a islamização da Turquia.

**Por Luis Jourdain*

Governo turco nos enganou e faz caça às bruxas, diz rival de Erdogan

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/07/1792990-governo-turco-nos-enganou-e-faz-caca-as-bruxas-diz-rival-de-erdogan.shtml?cmpid=compfb>

LUÍSA PESSOA DE SÃO PAULO = 19/07/2016 02h00

PUBLICIDADE

Fethullah Gülen, o clérigo autoexilado nos EUA acusado pelo governo turco de conspiração, afirma que ele e seu movimento sofrem uma "caça às bruxas", após terem sido enganados pelo presidente [Recep Tayyip Erdogan](#) e um governo que hoje "parece com uma ditadura".

Desde 2013, Erdogan acusa o clérigo de 77 anos de [tramar contra o seu governo](#). Agora, diz ter a prova de suas alegações.

Poucos dias antes do episódio de sexta, Gülen, que se autoexilou em 2000 nos Estados Unidos, concedeu uma entrevista exclusiva à **Folha** por e-mail. Nela, comentou sobre seu rompimento com o AKP (Partido Justiça e Desenvolvimento, de Erdogan), as acusações de que o movimento que criou no final da década de 1960 —o Hizmet— estaria infiltrado na polícia e no Judiciário turcos, as demandas dos curdos por um Estado independente e o extremismo religioso.

Selahattin Sevi - 24.set.13/Associated Press



Fethullah Gülen, clérigo turco, em sua casa na Pensilvânia, nos Estados Unidos

O governo americano diz que avaliará a extradição de Gülen desde que a Turquia apresente provas concretas da participação do clérigo no episódio de sexta. No entanto, nenhum pedido formal foi realizado até esta segunda (18), segundo Washington.

No último sábado (17), o clérigo concedeu uma entrevista coletiva aos principais órgãos de imprensa mundiais, na qual disse [ser contra qualquer tipo de intervenção militar](#) na Turquia.

"Como uma pessoa que já viveu muitos golpes de Estado [desde a proclamação da República da Turquia, em 1923, já foram quatro], posso recomendar ao povo turco: não seja a favor de qualquer golpe".

Na mesma ocasião, ele sugeriu que Erdogan pode ter forjado o episódio, de modo a reconquistar o apoio popular, hoje em baixa.

Leia, abaixo, a entrevista concedida com exclusividade à Folha:

Folha - Primeiramente, gostaria de entender sua relação com o [Hizmet](#). Você se considera o líder do movimento?

Fethullah Gülen - Em nenhum momento aleguei ser líder do grupo. Sempre considerei uma virtude ser uma pessoa comum.

O Hizmet surgiu com a ideia de fundar instituições educacionais para formar jovens virtuosos, a fim de tentar encontrar soluções para os problemas do país. Uma vez, descrevi o Hizmet como "um movimento formado por pessoas que se reúnem em torno dos valores universais humanos".

Embora me veja como uma pessoa comum, não poderia ignorar a consideração que existe por mim, mesmo que ela aconteça por engano. Tentei usar esse interesse para orientar as pessoas a projetos do bem. Tentei responder a perguntas e solucionar os problemas das pessoas. Se eu tenho um papel nesse movimento, é apenas esse.

O senhor hoje possui uma vida muito reclusa e não costuma sair do local onde mora [na Pensilvânia, EUA]. Com o crescimento do Hizmet, não faria sentido viajar a outros países para palestras? Você teme por sua segurança?

Nos primeiros anos do Hizmet, trabalhei com outros amigos. No entanto, por causa do crescimento do movimento e da minha situação de saúde, ultimamente levo uma vida quase monástica. Aqui fazemos aulas com um grupo de amigos, e, quando minha saúde permite, faço discursos para responder a perguntas, cerca de duas vezes por semana.

O Hizmet é um movimento que reúne pessoas em torno de valores e opiniões comuns. Não acho certo associar o Hizmet a mim e evito realizar atividades que possam causar um entendimento de que sou líder do movimento.

Qual é a presença do Hizmet hoje pelo mundo? Por exemplo, qual o número de seguidores na Turquia e em outros países?

Não existe mecanismo de associação ao Hizmet. Há pessoas em diversos lugares e de diversas posições que compartilham os valores e as opiniões do movimento e, conseqüentemente, apoiam seus trabalhos.

Não sei o número exato dessas pessoas nem acho que alguém pode saber.

No entanto, amigos que acompanharam a fundação do movimento e suas atividades me dizem o Hizmet já está em mais de 160 países. Dizem também que há milhões de apoiadores e simpatizantes, a maioria na Turquia. No entanto, não é possível precisar números.

Se não existe liderança, é de se imaginar que você e os membros do Hizmet possam ter desentendimentos. Você já se opôs a ações tomadas por pessoas do movimento?

Na direção de uma instituição ou projeto, é muito melhor ter pessoas de inteligência atuando de acordo com a consciência coletiva e respeitando a opinião dos outros do que ter um gênio que atua sozinho. Acredito que, mesmo que haja pequenos enganos nas decisões da consciência coletiva, não haverá grandes erros.

Até agora, não vi nenhum exemplo que vá contra essa convicção.

Porém, nas congregações formadas em torno de opiniões compartilhadas, não se pode esperar que todos pensem igual, isso é contra a natureza. O Hizmet não é um movimento que ignora o livre arbítrio e a liberdade de pensamento dos indivíduos. Se fosse assim, não atrairia tantas pessoas cultas e de boa formação e não seria aceito em todo o mundo.

Posso dizer, citando um termo religioso, que a união na pluralidade é a característica geral do movimento Hizmet.

Seu relacionamento com o presidente Recep Tayyip Erdogan parece ter mudado muito nos últimos anos. Por exemplo, o "The Guardian" já classificou o senhor como um "aliado que virou inimigo"; o mesmo fez o "The New York Times", dizendo que você é "um ex-aliado do presidente". Recentemente, em artigo publicado no "The New York Times", [Sevgi Akarcesme](#) [editor-chefe do "Today's Zaman", jornal ligado ao Hizmet] disse: "No passado, o 'Zaman' apoiou o governo de Erdogan e do AKP (Partido Justiça e Desenvolvimento) em suas ações pró-Ocidente e pró-democracia, bem como nos esforços para introduzir reformas na Turquia que permitissem o ingresso do país na União Europeia". Houve tal aliança com o governo Erdogan? Como ela se quebrou e por quê? A ruptura esteve relacionada à defesa do fechamento das dershanes [escolas preparatórias para o vestibular] do movimento Hizmet por Erdogan, em 2013?

As pessoas do movimento já apoiaram diversos partidos políticos ao longo dos anos — sempre levando em consideração os valores e princípios do Hizmet— seja por meio do voto ou de discursos.

O apoio dado ao governo Erdogan, no passado, também foi baseado na observação desses valores e princípios. Hoje também apoiariamos qualquer partido que se esforçasse para melhorar a democracia, os direitos fundamentais, as liberdades básicas e para estabelecer uma cultura de democracia.

Nunca houve um apoio partidário cego ou por interesses. Uma prova disso foi a postura firme dos membros do Hizmet aos princípios do movimento, apesar das grandes agressões sofridas após as investigações de 17 e 25 de dezembro de 2013 [um mês após Erdogan defender o fechamento das dershanes, uma investigação policial revelou uma rede de corrupção que atingiu o diretor do Banco Central turco e filhos de ministros de Erdogan, então primeiro-ministro. Aliados do governo turco disseram que o Hizmet estava por trás dessas investigações. Centenas de policiais e de promotores ligados ao caso [foram destituídos](#) ou transferidos pelo Executivo].

Getty Images



O jornal "Zaman", do Hizmet, passou a ser controlado pelo governo de Erdogan em março de 2016

Se tivéssemos atendido aos desejos do partido governante e tivéssemos aplaudido tudo que fizeram, talvez não tivéssemos sofrido essa perseguição.

No entanto, as políticas do AKP sofreram um retrocesso total após o [referendo de 2010](#) [que aprovou mudanças na Constituição do país, limitando o poder das Forças Armadas e reorganizando o Judiciário]. Eles começaram a praticar

ações injustas que eles mesmo tinham declarado extintas, como o fichamento de cidadãos pelo serviço de Inteligência e a pressão sobre a imprensa. Além disso, a promessa de uma Constituição democrática primeiro foi condicionada a um sistema presidencialista, depois foi esquecida totalmente.

Por essas e outras razões, não só as pessoas do Hizmet, como de outros grupos que apoiavam o partido governante, removeram seu endosso.

Ficou claro que o AKP queria apoio incondicional, não importa o que fizesse. Quando mudaram de atitude e demonstraram uma posição totalmente contrária ao que defendiam antes, esperaram nosso aplauso. Mas quem segue valores e princípios não pode apoiar cegamente um partido político, e por isso o Hizmet suspendeu seu apoio. Conseqüentemente, começou uma caça às bruxas que hoje só aumenta.

Compartilhar nossas expectativas e preocupações sobre o futuro da Turquia é um direito democrático. Da mesma forma, não é crime expressar nossas opiniões aos governantes.

O processo de fechamento das dershanes foi apenas uma das provas do quanto a Turquia está se desviando do caminho da democracia.

Antes da questão das dershanes, houve graves restrições às liberdades civis e aos direitos fundamentais na Turquia. Seguiu-se uma política de polarização da sociedade e não se deu ouvidos até mesmo às demandas naturais e democráticas da sociedade, como testemunhamos nos [acontecimentos do parque Gezi](#) em Istambul [em 2013, manifestantes ocuparam o local em protesto ao governo Erdogan e foram duramente reprimidos, provocando indignação internacional].

Nosso erro foi confiar demais no AKP, pensando que eles estavam cumprindo suas promessas e protegendo os valores tradicionais do país.

Demos ao AKP mais importância do que mereciam e não mantivemos nosso princípio de manter a mesma distância de todos os partidos políticos. Não conseguimos perceber, a tempo, que o governo Erdogan possuía um objetivo secreto.

No final das contas, nós fomos enganados. Não digo que fomos usados e depois jogados fora. Pois, quando os apoiamos, foi com base na perspectiva de valores essenciais e de direitos civis. Esse pode ter sido o nosso erro.

Em mais de uma ocasião, o presidente Erdogan acusou o senhor de orquestrar um "Estado paralelo" e de tramar um "golpe de Estado". O Hizmet sempre disse que não possui ambições políticas e que o objetivo do movimento é promover a fé, a tolerância, a paz e o diálogo inter-religioso e intercultural. Em 2013, muitos disseram que o escândalo político que envolveu Erdogan e as autoridades turcas foi impulsionado por policiais e promotores ligados ao Hizmet. O acadêmico [Bayram Balci](#), por exemplo, disse em um artigo publicado na "Foreign Policy", em dezembro de 2013, que o episódio foi "uma clara e inegável ilustração dessa infiltração [do Hizmet] nas polícia e no Judiciário". Você sabe qual é a presença de seguidores do Hizmet na polícia e no Judiciário da Turquia? Como responde às acusações de Erdogan?

Ter espaço nas instituições públicas do país é um direito constitucional de todo cidadão. Seriam essas pessoas espiões de outros países e por isso infiltrados? O uso da terminologia "infiltrados" demonstra uma mentalidade hostil. Ou seja, tem-se a sensação de que essas instituições pertencem a certo grupo e nenhum outro tem direito a ter espaço nelas.

Os funcionários públicos são subordinados a leis e regras, independentemente de suas opiniões pessoais ou dos grupos aos quais fazem parte. Se, durante as investigações de corrupção, os membros do Judiciário ou da polícia passaram dos limites e atuaram fora dos princípios de direito, então, eles devem ser encaminhados aos tribunais, com provas concretas.

Se não foi assim, se eles cumpriram seus deveres dentro das leis, por que estão tentando culpá-los? Isso eu não consigo entender. Roubar o dinheiro público, receber ou pagar propina não são mais crimes, por isso estão buscando um bode expiatório?

Ficará claro, com o tempo, que as alegações contra o Hizmet são feitas por interesses políticos, e as pessoas que ocupam cargos importantes hoje ficarão muito constrangidas, eu não tenho dúvida disso.

Mas, enquanto isso, o sistema jurídico foi destruído no país, não sobraram nem a Constituição nem os princípios dos tratados internacionais assinados pela Turquia. Foi constituído um sistema parecido com um regime ditatorial, e o país foi muito prejudicado.

Erdogan hoje busca tornar a Turquia um [regime presidencial](#), que poderia formalizar a concentração de poder em suas mãos. Como você avalia esse movimento? Qual seria uma alternativa política para a Turquia?

Numa administração democrática, é essencial que exista na Constituição a proteção dos direitos civis e das liberdades, o princípio de separação de Poderes e um governo transparente e supervisionado.

Um governo que reúne todos os Poderes e forças em uma só pessoa não pode ser chamada de democracia.

O AKP prometeu, quando foi fundado, que levaria a Turquia adiante no caminho da democracia nos padrões da União Europeia. Agora, mais do que nunca, ficou clara a necessidade de a Turquia ter uma Constituição democrática.

O mais saudável é a formação de uma Constituição e de órgãos públicos com base nos princípios universais e nos acordos internacionais dos quais a Turquia faz parte.

Diante das ações anticonstitucionais recentes, o Tribunal Superior Constitucional da Turquia não se manifestou. O Judiciário foi usado para fins políticos e nem isso provocou uma reação.

Tudo isso mostra que a questão não é apenas a Constituição e as leis. Todos os membros do Judiciário e da burocracia —que são obrigados a seguir essas leis— e a sociedade em geral, ao lado da imprensa e entidades da sociedade civil, devem defender a democracia e os direitos humanos como uma responsabilidade social.

Com a crise de refugiados e a onda de migrantes da Síria para a Europa, Erdogan agora pressiona a União Europeia para que a Turquia seja aceita no bloco. Você acredita que a Turquia está pronta para fazer parte da UE?

No começo dos anos 2000, a Turquia estava em um caminho muito bom. Infelizmente, muitos dos avanços feitos naqueles anos foram perdidos.

Se for possível retomar aqueles avanços, a Turquia poderia se aprontar novamente para ser membro da União Europeia. Mas, depois de tantas destruições, essa recuperação vai levar anos.

Infelizmente, as instituições do Estado de Direito e da democracia foram muito prejudicadas. Para recuperar essas perdas, deve-se voltar às bases da Constituição.

Todos devem cumprir seus deveres conforme a Constituição. O Estado de Direito deve ser restabelecido. A perseguição e a violência praticadas pelo

Estado contra membros de alguns grupos da sociedade devem parar. Deve-se tratar todos os cidadãos igualmente, conceder direitos fundamentais e liberdades civis. Todos os membros da sociedade devem ser abraçados e seus direitos respeitados.

No entanto, tenho dúvidas sobre a sinceridade dos membros do governo turco sobre a Turquia tornar-se membro da União Europeia. As ações do governo indicam que, na realidade, eles não querem essa adesão.

Eles estão caminhando, passo a passo, para um sistema de um homem só, onde não há transparência, prestação de contas, cumprimento de padrões e acordos internacionais. Querem mudar as leis para adequar o sistema jurídico a essa situação de facto já praticada por eles.

Com um regime desse, é impossível a Turquia ser aceita como membro da União Europeia.

Ainda sobre o cenário internacional: Erdogan é um conhecido opositor do regime do ditador sírio Bashar Al-Assad. A Rússia disse no ano passado que o governo de Ancara fez uma aliança tática e secreta com membros da facção terrorista Estado Islâmico (EI) para tirar Assad do poder. Mais do que isso, Moscou disse que Erdogan permite o [transporte de armas e envia ajuda](#) através da fronteira para milicianos do EI na Síria. O jornalista Seymour Hersh, ganhador do prêmio Pulitzer, também defende que "Erdogan é um total, completo apoiador do EI". Você concorda com essas alegações? Acredita que o presidente tenha feito um acordo com o EI?

Ficamos tristes com a divulgação dessas alegações na imprensa mundial. Não sei sobre sua veracidade. É triste ver a república da Turquia e seus governantes serem acusados disso.

Sobre a questão da Síria, eu dei alguns humildes conselhos a alguns membros do governo que vieram me visitar aqui, mas eles não me deram ouvidos. Pensaram que não precisavam da opinião de um imã de mesquita. Agora, toda a população turca está pagando a conta pelos erros cometidos no cenário internacional naqueles anos.

Alexander Zemlianichenko - 16.nov.2015/Associated Press



O presidente russo, Vladimir Putin, em encontro com Recep Tayyip Erdogan durante o G-20, em 2015

Um dos mais importantes grupos de oposição na Turquia hoje é o HDP (Partido Democrático do Povo), uma força pró-curda. Ao mesmo tempo, o presidente Erdogan geralmente culpa o YPG (Unidades de Proteção do Povo, milícia curda que atua na Síria) e o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão, considerado uma organização terrorista pelo governo turco, pela União Europeia e pelos EUA) por ataques terroristas na Turquia. Você concorda com a criação de um Estado autônomo curdo?

Os cidadãos curdos na Turquia devem ter seus direitos culturais concedidos, como o ensino na sua própria língua. Uma república da Turquia que os aceita como eles são e lhes dá o direito de serem o que quiserem —poder chegar a todos os postos em todos os órgãos do país— será, também, o país deles.

Isso vale para todos os países. O que importa não é o nome do país, mas como esse país é e qual tratamento ele dá a seus cidadãos.

O mundo cada vez mais globalizado exige uma convivência de tolerância e paz entre as pessoas, incluindo suas diferenças.

Eu tenho fé que o elo histórico entre curdos e turcos é forte e não será quebrado facilmente, embora, no último século, ele tenha sido muito danificado.

Porém, aqueles que aparentam abraçar a causa dos curdos, mas são controlados por terceiros e estão envolvidos com o terrorismo, ficam de fora dessa minha perspectiva. Infelizmente, nos dias de hoje, são praticadas muitas ações que prejudicam os elos entre curdos e turcos. Essa não é a primeira vez.

Tivemos épocas em que falar curdo na rua era crime. Com o tempo, esses problemas foram parcialmente resolvidos, foram dados passos positivos nesse sentido durante o processo de negociação para a adesão da Turquia à União Europeia.

Porém, nos últimos anos, com as operações das forças de segurança, que entram nas cidades para esvaziar os depósitos de armas e munições acumuladas pelo PKK, os civis tornaram-se vítimas e continuam sofrendo.

O tratamento que não tem base constitucional forte e muda conforme o interesse político dos governantes faz com que os curdos pensem em fundar um Estado independente. A maioria dos cidadãos curdos moram nas regiões leste e sudeste do país, mas quase metade habita a região central e oeste do país.

Eu não acho que eles pensariam em um Estado independente se a Constituição garantisse seus direitos culturais e eles tivessem a perspectiva de igualdade na Turquia. Ou seja, se o caminho fosse aberto para eles chegarem a qualquer cargo, sem precisar negar suas raízes étnicas, e se as políticas de Estado fossem imunes aos interesses políticos e tivessem base sólida.

O Hizmet avalia o [massacre de armênios em 1915](#) pelo Império Otomano como um genocídio? Como o governo turco deveria se comportar em relação a essa questão?

Esse assunto tem uma dimensão política da qual eu não quero falar.

No entanto, com relação aos aspectos religioso e humano daqueles acontecimentos, todos cidadãos otomanos —tanto muçulmanos, curdos e turcos quanto armênios cristãos— sofreram violência e foram vítimas.

Ninguém pode ser responsabilizado pelo crime cometido por outra pessoa e sofrer violência não justifica cometer violência. Os armênios que sofreram violência e injustiça eram seres humanos, vizinhos e cidadãos otomanos na época e tinham direitos.

Karen Minasyan/AFP



Armênios depositam flores em monumento em homenagem a vítimas de massacre de 1915 em Ierevan

Não cabe a mim orientar o governo turco, mas, olhando o assunto sob o aspecto humano e religioso: primeiro deve-se expressar o sofrimento das vítimas e dos oprimidos; compartilhar dessa dor com empatia; investigar as injustiças cometidas e tentar contrabalançá-las de acordo com as leis atuais do país e com acordos internacionais, pois isso é um dever humano e religioso.

Por outro lado, depois de tanto tempo, ressuscitar sentimentos de inimizade seria um passo que colocaria em perigo a paz e segurança mundial.

Você acredita que o fundamentalismo religioso hoje está se expandindo mais facilmente? Quais são as circunstâncias que permitem que tanto jovens distorçam a mensagem do Alcorão para propósitos terroristas? Qual deveria ser o papel dos líderes religiosos contra esse fenômeno?

Este assunto deve ser examinado levando em consideração seus diversos aspectos: sociológicos, psicológicos, políticos e econômicos.

Sob o aspecto religioso, podemos dizer que uma parte dos jovens busca por algo. Por falta de liberdade religiosa e de boas condições de educação, o ensino religioso se desenvolve nas mãos de pessoas incapazes e em ambientes inadequados.

Em alguns países onde são minoria, muçulmanos sofrem problemas de adaptação por causa de sua religião e às vezes são discriminados.

Por outro lado, alguns muçulmanos usam a terminologia religiosa para seus objetivos pessoais e políticos. Infelizmente, hoje as redes sociais são usadas para prejudicar as mentes dos jovens com ideias radicais. As comunidades

muçulmanas possuem muitos problemas sociais, por isso são férteis para o aliciamento de membros por parte de facções terroristas.

Com relação ao uso de fontes religiosas para ideias extremistas, compreender e interpretar o que o Alcorão e os Hadices (frases do Profeta) dizem ou querem dizer exige especialização.

Nesse ponto, um muçulmano comum não pode se contentar com o significado aparente do Alcorão e dos Hadices. Quando e onde este versículo foi revelado? O Profeta Maomé fez algum comentário sobre ele? Como este versículo se aplica à vida? Como os Companheiros do Profeta, as gerações seguintes e os eruditos, o interpretaram?

Deve-se olhar todos esses pontos com uma visão ampla e íntegra. Quando eu digo especialização, refiro-me a isso.

Mesmo que sua língua nativa seja o árabe, esse trabalho não cabe a um muçulmano comum. Se olharmos as facções extremistas sob esse aspecto, veremos que elas tomam os versículos do Alcorão e os Hadices sem seus princípios, apenas com seus significados aparentes, fazendo a leitura do texto conforme suas próprias ideologias.

É uma pena que, em diferentes períodos da história do islã, vimos interpretações semelhantes. E isso se torna um elemento que apoia a tese dos terroristas.

Esse é um problema que deve ser resolvido e um dever a ser cumprido pelos eruditos da sociedade e pelos clérigos.

Os líderes religiosos, que são pessoas respeitadas, têm a responsabilidade de se pronunciar categoricamente contra a má interpretação das fontes religiosas e serem pioneiros nos projetos educacionais, com todos os recursos disponíveis, para transmitir corretamente a alma da religião.

Hoje, em muitos dos países com população de maioria muçulmana, o ensino religioso está sob o controle do Estado, mas não podemos dizer que esses Estados estão cumprindo seus deveres corretamente.

Recentemente, você disse que suspeitava que o governo turco estivesse por trás de alguns ataques contra escolas administradas por seguidores do Hizmet. Você mantém essa acusação? O Hizmet possui provas?

Erdogan, quando era primeiro-ministro, deu uma ordem clara aos embaixadores turcos. Ele pediu que eles reclamassem do Hizmet às autoridades locais.

No ano passado, a empresa Robert Amsterdam declarou que foi contratada pelo governo turco para perseguir o Hizmet em todo o mundo, mas principalmente nos EUA e em países da África.

Alguns amigos que trabalham nas instituições do movimento me comentaram que houve iniciativas para manchar a imagem do Hizmet e tentar fechar suas instituições educacionais no Canadá, nos EUA e em alguns países da África.

Uma agência ocidental divulgou uma notícia sobre iniciativas de Erdogan contra o Hizmet na África. A imprensa americana divulgou notícias sobre o pedido oficial da empresa Amsterdam para realizar atividades de lobby para o governo turco nos EUA.

Como tudo indica, essa situação é uma realidade.

Por que o Hizmet [está interessado no Brasil](#)? Você possui alguma opinião sobre os últimos eventos no país, como o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff?

Os voluntários do Hizmet vão para todas as partes do mundo, tanto para estabelecer pontes de amizade quanto para representar seus valores e aprender com diferentes culturas.

Podemos até dizer que o Hizmet demorou para ir ao Brasil, um país tão grande e importante.

Eu não consigo acompanhar as notícias do mundo todo. Os amigos me contaram que, no Brasil, embora com algumas falhas, a democracia e o sistema jurídico funcionam muito bem. Acredito que os problemas serão superados nos moldes da democracia e do direito.

Há algo que considera importante dizer, mas que eu não tenha lhe perguntado?

O mundo está passando por momentos difíceis.

Os que fazem política criando medo e ódio e os que enganam a si mesmos e apoiam esses políticos causam muitos prejuízos e correm o risco de causar ainda mais perdas.

Em um mundo assim, a construção de pontes entre sociedades é uma tarefa importante.

Eu tenho grande consideração pelos trabalhos das instituições da sociedade civil e dos membros da imprensa, que ajudam na construção de pontes entre culturas e sociedades e ajudam a desenvolver o entendimento e o respeito mútuos.

Agradeço muito por me enviar essas perguntas e me dar a oportunidade de compartilhar minhas opiniões com seus leitores. Por meio dessa entrevista, transmito minhas saudações ao povo brasileiro.

Fernando Henrique Cardoso

2 h ·

Os acontecimentos recentes na Turquia causam grande preocupação pelo que aquele país representa para o mundo e para o Oriente Médio. Primeiro, a tentativa fracassada de golpe contra um governo democraticamente eleito, promovida por um grupo de militares e felizmente derrotada, por falta de apoio interno e externo. Segundo, a reação desproporcional e indiscriminada do governo turco ao golpe de Estado. Em lugar de estender a mão à oposição, que condenou o levante militar, o presidente Erdogan adota medidas coercitivas contra os seus opositores legítimos. O expurgo de cerca de 3 mil membros do Judiciário, além de militares e policiais, vem se somar às perseguições anteriores a outros servidores públicos, acadêmicos e jornalistas. Se anos atrás Erdogan encarnava a esperança de uma Turquia democrática, governada por um partido islâmico moderado, hoje representa um projeto de poder crescentemente autoritário e repressivo, que merece a reprovação de todos os democratas, na Turquia e fora dela.

Os democratas de Erdogan

<http://bissexto.com.br/os-democratas-de-erdogan/>

19 de julho de 2016 *Pio Giovanni Dresch*



Sei pouco de Erdogan. Sem pesquisar, sei que é presidente da Turquia, antes foi primeiro-ministro, fundou um partido para si, é sunita, mas mantém a religião longe do Estado, é inimigo da Síria, faz de conta que é contra o Estado Islâmico, reprime o povo curdo, assim como reprime a oposição interna e persegue a imprensa livre.

Na noite de sexta-feira, quando soube do golpe militar e vieram as primeiras notícias do seu fracasso, pensei: agora ele está com a faca e o queijo na mão. Há mesmo quem diga que ele próprio armou. Não sou tão adepto da teoria da conspiração, mas creio bem provável que sabia da conspiração e deixou que acontecesse.

Nada como um fato desses para quem enfrenta uma crise de popularidade e, mesmo sucessivas vezes reeleito, tem contra si uma oposição perseverante.

Dito e feito: para quem já governava o país com mão de ferro, estava dada a senha para amassar a oposição. Para se ter uma ideia, hoje declarou que o povo turco quer a pena de morte para os conspiradores. Não se espere clemência para seus inimigos, tenham ou não participado da tentativa de sua derrubada.

Mas, se digo tudo isso, não é para falar de Erdogan, embora o momento até fosse propício para manifestar solidariedade ao povo turco.

O que quero mesmo é falar sobre alguns comentários postos em redes sociais. Em particular, comentários de pessoas que se consideram politizadas e se manifestam contra o golpe no Brasil.

Nada contra comemorarem a derrota de um golpe de Estado, afinal é coerente com ser contra golpes, mas logo começaram a chover elogios rasgados à posição firme do presidente turco. Se, por exemplo, afastou quase três mil juízes, fez bem, porque eles conspiravam. Três mil juízes, entre os quais integrantes dos tribunais superiores, são sumariamente afastados no mesmo dia do fato, sem qualquer investigação, dando a entender que já havia uma lista pronta, e vejo democratas brasileiros vibrarem. Quando

tento entender o motivo, o máximo que consigo ler é que é desse modo que devem ser tratados os golpistas.

Milhares de pessoas presas e demitidas? Perfeito, é isso mesmo. Está aproveitando o momento para perseguir a oposição? Está certo. Se mandar fuzilar, evidentemente a pedido do povo turco, vão achar bom também.

Não foram poucos os que vi se manifestarem desse modo. Todos contra o golpe no Brasil. Me lembraram um ex-presidente nosso, que prometeu restaurar a democracia e ameaçava quem pudesse se opor: prendo e arrebento.

Que parceria!

(Visited 25 times, 10 visits today)



Aftermath of Turkey coup attempt will be bloody and repressive

[Ranj Alaaldin](#)

Mob rule will shape country's politics as attacks on anyone seen to oppose Recep Tayyip Erdoğan and his party continue

Play Video

Play

Current Time0:00

/

Duration Time2:40

Loaded: 0%

Progress: 0%

Fullscreen

Mute

[Turkey coup: military faction fails to topple Erdoğan – video](#)

.....
Contact author

[@ranjalaaldin](#)

<https://www.theguardian.com/world/2016/jul/16/aftermath-of-turkish-coup-attempt-will-be-bloody-and-repressive>

.....
Saturday 16 July 2016 17.27 BSTLast modified on Sunday 17 July

The attempted military coup in Turkey on Friday sent shockwaves through the country and international community. Aimed at toppling Turkey's strongman president, [Recep Tayyip Erdoğan](#) and his Justice and Development party (AKP), the failed uprising threw a spotlight on a deeply divided country embroiled in war at home and abroad.

[Turkey](#) is no stranger to military coups, it has undergone four since 1960. Its powerful military has historically regarded itself as the protector of the modern Turkish state and the vision of its founder, Mustafa Kemal Atatürk. It has also devoted itself to Atatürk's nationalistic and secularist vision, as well as bringing order to the country. The constitutional, historical and cultural basis for its actions has generated resentment and hostility. The army has often abused its powers and has a history of repression and human rights abuses.

When Erdoğan came to power in 2002, one of his immediate priorities was to counter the military. He pursued closer ties with the EU and sought to expand his influence within the country's institutions. In 2008, the military was severely weakened by Erdoğan in what became known as the Ergenekon affair, a series of trials in which military officers, journalists and politicians were accused of forming a clandestine organisation that plotted against the civilian government. It resulted in prison sentences for senior military members and weakened, if not ended, the military's capacity to conduct coups as it had done in the past.



Attempted coup in Turkey: what we know so far

[Read more](#)

In other words, Erdoğan set himself up for another clash with the military, but few expected it to come so soon or in the form of an attempted coup. The most astonishing thing about Friday's events was that the coup was even contemplated by military factions, given Erdoğan's grip on the country. Friday's coup attempt was by far Turkey's least effective. The military did not control the media and lacked sufficient support both within its ranks and on the streets. It also signified that Erdoğan's divide-and-rule policies have worked; that he has tamed Turkey's once-feared military.

However, it should not have been surprising that a move to oust Erdoğan has occurred. In recent years, Erdoğan has alienated rivals and exacerbated Turkey's instability for his personal gain. He has exploited ethnic and sectarian tensions, restarted a domestic war with the Kurds and sought to divide the population to garner greater constitutional powers. Erdoğan's dangerous games has brought levels of violence and instability not seen in Turkey for decades.

As with many coups around the world, the aftermath will be bloody and repressive. It will be rule of the mob, rather than rule of law that will shape Turkish politics and society. More than 1,000 members of the military have been arrested and more than 2,000 judges have been laid off. Pro-government mobs have brutally attacked anyone they perceive as being anti-Erdoğan or anti-government. Darker days lie ahead for Turkey.

Tadeu Valadares

15:22 (Há 17 horas)

para Tadeu

Graham Fuller foi um dos principais agentes da CIA, chefe do escritório da agência no Afeganistão, anos 80. Um de seus livros do início dos anos 90, que li em Doha com muito interesse, "The Center of the Universe", tentativa de interpretar o Irã com olhos de geopolítico e "orientalista" sofisticado. Pareceu-me evidente que "The Center of the Universe" era parte do 'debate' na comunidade de 'inteligência' que em parte, naqueles anos, elaborava e conduzia a estratégia dos EUA voltada para o enfraquecimento do Irã e o controle indireto, até onde possível, do Oriente Médio.

A matéria abaixo, escrita antes de a tentativa de golpe militar fracassar, vale leitura atenta porque permite visão ampla do caleidoscópio turco e das transformações da Turquia sob Erdogan. O que começou como uma tentativa de criar 'democracia islâmica' que inclusive garantisse o ingresso da Turquia na UE, tinha como seu principal inimigo o autoritarismo de grande parte dos

secularistas à Atatürk. Hoje, em sua etapa presidencialista, a 'via Erdogan' parece levar, de maneira irrefreável, ao que afinal será no mínimo uma 'ditabranda', se não uma ditadura de fato, ainda que operando sob véu constitucional cada vez mais esfarrapado.

Muitos dos trechos do artigo foram lidos por mim, após feitas as indispensáveis adaptações, como passíveis de aplicação, se substituirmos 'golpe militar' por 'golpe constitucional', a nós mesmos. Com calculado grau de especulação, dá para perceber que, embora de maneiras diferentes, tanto o futuro da Turquia com o do Brasil estão ameaçados. O dos turcos, a partir da fracassada tentativa de golpe militar cujas consequências nefastas, no médio e longo prazos, são imprevisíveis. O nosso, em decorrência do golpe constitucional temerário que dividiu o país de maneira inimaginável até poucos anos atrás. Basta pensar como muitos de nós se afastaram de amigos e de parentes porque visões de futuro e de país se mostram apaixonadamente incompatíveis. Ainda bem que - diferença maior, a nós favorável - os militares brasileiros não se decidiram por ações fortes. Por enquanto, agem discretamente; mas agem. Por enquanto.

Se a crise nossa, geral, continuar a se aprofundar por mais três ou quatro anos, qualquer que seja o resultado do pleito de 2018, as 'eleições legitimadoras', seguro deveremos abandonar mais uma esperança dentre as que fundam 'cenários de impossível ocorrência'. O exemplo turco aí está à vista de todos; o impossível acontece. Lá, como aqui, acontece. Essa lição de abismo começou a nos ser dada coisa de três meses atrás.

Minha intuição me diz que, para 'restabelecer a ordem', Erdogan fortalecerá a tal ponto o executivo, e se lançará numa campanha repressiva de tal amplitude que, um ano mais, será difícil distingui-lo de Sisi, o 'Erdogan egípcio'.

Aqui, outra vantagem nossa: diferentemente do que ocorreu no Egito e agora ocorre na Turquia, o jogo não é tão duro, não é questão de vida ou morte; 'apenas' diferenças algo radicais em

termos de desenhos de futuro. Nosso jogo, ao menos por enquanto, não está de todo determinado.

Sobre Fuller, encontrei na Wikipedia:

Graham E. Fuller (born November 28, 1937) is an [American author](#) and [political analyst](#), specializing in [Islamic extremism](#).^[1] Formerly vice-chair of the [National Intelligence Council](#),^[2] he also served as [Station Chief](#) in [Kabul](#) for the [CIA](#). A "think piece" that Fuller wrote for the CIA was identified as instrumental in leading to the [Iran–Contra affair](#).^{[3][4]}

Turkey's Lose-Lose Coup Attempt

<http://readersupportednews.org/opinion2/277-75/38038-turkeys-lose-lose-coup-attempt>

Graham E. Fuller, Consortium News

Fuller writes: "Turkish President Erdogan has abetted jihadist terror and cracked down on political dissent - making him a contributor to Mideast troubles - but a military coup is the wrong way to remove him."



People react near a military vehicle during an attempted coup in Ankara, Turkey, on Saturday. (photo: Reuters)

● go to **original**

Turkey's Lose-Lose Coup Attempt

By Graham E. Fuller, Consortium News

16 July 16

Turkish President Erdogan has abetted jihadist terror and cracked down on political dissent – making him a contributor to Mideast troubles – but

***a military coup is the wrong way to remove him, says ex-CIA official
Graham E. Fuller.***

The dismaying coup events in Turkey may take some time to be resolved. But one thing is already clear — this attempt at military intervention, however the final scenario plays itself out, is a disastrous lose-lose event for everyone in Turkey.

If the military coup against President Recep Tayyip Erdogan “succeeds,” we will have witnessed the return to the ugly tradition of military intervention involving at least four past coups against legitimately elected governments. Nearly all observers (including myself) believed that the half century of regular military coups were finally over.

The governing AK Party had seemingly successfully banished the military at long last back to the barracks, with the grateful support of most of the country. If this coup “succeeds,” it plunges Turkey back into the same trap of “tutelary oversight” by the military that had been the ugly hallmark of earlier Turkish governance.

Coups generally leave disastrous legacies in countries that are working towards established democracy. How legitimate can any successor government be, when elected with the assistance of the military that pulled the plug on the last government?

AKP supporters who represent the biggest single political bloc in Turkey right now are appropriately enraged at this blatantly illegal effort to overthrow their legitimately elected government. If those seeking to remove Erdogan are doing so on the basis of his domestic religious policies, it will confirm the belief of the large traditional religious segment of the population that the military and the old guard secularists and “Ataturkists,” as usual, are anti-Islam.

At a time when externally supported jihadi Islamist movements like ISIS have wreaked havoc in Turkey through their devastating terrorist acts, the factor of religion in domestic politics will be ratcheted up several notches in an dangerous way.

Erdogan will appear a victim to his party’s large number of followers — even a “martyr” if he is jailed. A jailed Erdogan — a

legitimately elected president — will be a dangerous presence to any successor government that will operate under the stigma of serving at the discretion of the military.

Class and ideological lines in Turkey will be intensified and move into the realm of more regular political violence. The unresolved Kurdish struggle is likely to grow more violent as well.

A Challenge for Secularists

Turkish liberals and secularist Kemalists who had come to loathe Erdogan face the choice of either accepting another coup crippling the democratic order, or supporting Erdogan as a legitimate leader despite their intense dislike of his policies.

For many liberals, a coup will be perceived as institutionally worse than Erdogan's arbitrary, autocratic, willful, erratic and self-serving policies of the past few years.

The military will likely be deeply divided over the issue, also not a healthy as the tradition of military intervention into politics is resuscitated yet again. Some kind of broad civil conflict could well emerge that will require military intervention to keep order.

If Erdogan succeeds in crushing the coup, the outlook is hardly better. The military actors involved will have demonstrated their incompetence and their constitutional unreliability. Their institutional prestige will suffer markedly. Worse, Erdogan's illiberal and authoritarian tendencies, which had grown increasingly disturbing over the past few years, will be hugely strengthened. He will grow more paranoid and self-obsessed.

The events will provide him with far more compelling grounds for further crushing of political opposition. Erdogan had already moved to undercut a free press and an independent judiciary and has been seeking to arrogate to himself new powers of a "super-presidency" via constitutional change.

An Erdogan who has survived a coup attempt will be far harsher, vindictive and illiberal and will unleash greater political and judicial powers against political opposition.

Erdogan's mistakes, failings and the growing corruption of his government have already massively discredited his administration.

He has been in the process of discrediting and undermining the long series of remarkable accomplishments of his party's first decade of rule.

It is imperative that Erdogan be removed from power the same way he came to power — by the ballot box. His increasingly irresponsible administration must be voted down and out of office, putting effective end to his claim to being a successful leader any more.

Removing Erdogan by force protects him from the final repudiation — by the voters. No one knows exactly at what point the majority of voters would have turned against him, but that is the process by which all democracies remove failing politicians whose term of office comes to an end. A coup rescues him from such electoral defeat.

Spread of Terrorism

The military, or those elements that attempted the coup, may justify their intervention on the basis of rising disorder in Turkey due to the recent spread of terrorism. Erdogan's disastrous foreign policies over the past few years, and especially in Syria greatly contributed to the rise of jihadi terrorism in Turkey, largely carried out by non-Turks. (These recent foreign policy failures stand in bold contrast to his inspired and successful foreign policies of his early years.)

The coup plotters could conceivably gain some public support for their actions by claiming the need to maintain order in the country in the wake of devastating foreign-inspired terrorist attacks, rather than simply opposing Erdogan's domestic policies. But if they justify their actions on the basis of "protecting Turkish secularism" they fall into the same tired Kemalist ideological line that has justified every single Turkish coup in modern history.

However much Erdogan has exploited religion in his policies, his other failings are far more serious, and "defense of secularism" provides no credible justification for military action.

Whether the coup "succeeds" or fails, it has already done irreparable damage to Turkey's political tradition and its political future. It besmirches Turkey's international standing which had seemingly emerged into the bloc of democratic states that had

appeared to put an end to force and military intervention in their domestic politics.

However this coup event comes out, Turkey and Turkish politics have lost badly. Erdogan indeed deserves to be defeated on many grounds. But it must be by the ballot box, not by a military coup.

Graham E. Fuller is a former senior CIA official, author of numerous books on the Muslim World; his latest book is Breaking Faith: A novel of espionage and an American's crisis of conscience in Pakistan. (Amazon, Kindle) grahamefuller.com

Por que a reação de Erdogan é assustadora para a Turquia?

A democracia na Turquia corre enorme risco e hoje o governo de Recep Tayyip Erdogan não pode ser considerado democrático. Já não era

INTERNACIONAL.ESTADAO.COM.BR - [Guga Chacra](#)

A democracia na Turquia corre enorme risco e hoje o governo de Recep Tayyip Erdogan não pode ser considerado democrático. Já não era nos últimos anos, quando começou a desrespeitar a divisão de poderes e a liberdade de imprensa. Agora, até mesmo a livre circulação de pessoas tem sido impedida.

Acadêmicos turcos estão proibidos de deixar o país. Dezenas de milhares de membros das forças de segurança, incluindo o Exército e a polícia, foram presos ou afastados. O mesmo vale para milhares de juizes e professores. A ação de Erdogan está na cartilha de regimes ditatoriais. A imprensa também é controlada e censurada.

O argumento de Erdogan é de que todas estas pessoas são gulenistas. Primeiro, não é crime ser gulenista. Eles integram um movimento que prega uma versão tolerante do islamismo sunita, em busca de dialogar com outras religiões e condenar o terrorismo. O movimento também valoriza a educação (no sentido acadêmico) e valores profissionais. Sim, gulenistas interferiram na política turca no passado de forma condenável. Mas o fizeram justamente para defender seu então aliado Erdogan de facções seculares. Depois do rompimento, viraram inimigos. Alguns dizem que funciona como Estado paralelo, mas creio que isso seja um exagero, embora o movimento seja sim poderoso.

Em segundo lugar, é impossível saber se todas estas dezenas de milhares de pessoas são gulenistas. Muitos têm sido afastados pelo simples fato de criticarem um governo que não respeita a democracia. Outros nem isso fizeram. Simplesmente são presos ou afastados sem provas.

Terceiro, o governo de Erdogan não tem provas de que os gulenistas estejam envolvidos na tentativa de golpe. O grupo e muitos de seus membros condenaram a ação quando esta ainda estava em andamento e parecia ser um sucesso. Pode ser sim, que membros estejam envolvidos. Mas isso precisa ser provado.

É desesperador o cenário na Turquia. Trata-se de uma nação de grau de desenvolvimento econômico e social no patamar do Brasil (em alguns pontos, mais evoluída do que o Brasil, sendo da OCDE), mas localizada na mais estratégica posição geográfica do planeta. Tem fronteira com o Irã, Iraque, Síria, Ex-União Soviética (Azerbaijão, Georgia e Armênia) e União Europeia (Grécia). Tem costa no Mar Negro, Mar Mediterrâneo e Mar Egeu. Istambul literalmente se divide entre Europa e Ásia. A Turquia é da OTAN.

A Turquia virar o caos, que ainda está distante, é infinitamente mais perigoso do que o que vemos na Síria. Em tempo, a tentativa de golpe também feriu a democracia turca e deve ser condenada.

Turquia afasta mais de 15 mil funcionários da Educação

<http://m.dw.com/pt/turquia-afasta-mais-de-15-mil-funcion%C3%A1rios-da-educa%C3%A7%C3%A3o/a-19413256>

Afastados são suspeitos de envolvimento com clérigo islâmico Fethullah Gülen, diz governo. Além disso, 21 mil professores da rede privada têm licença revogada, e mais de 1,5 mil reitores são forçados a renunciar.



Tentativa de golpe fracassada gerou onda de detenções e afastamentos

O Ministério da Educação da Turquia afastou nesta terça-feira (19/07) 15.200 funcionários suspeitos de envolvimento com as redes de simpatizantes do clérigo islâmico Fethullah Gülen, a quem o governo turco atribuiu a responsabilidade pela tentativa de golpe militar da última sexta-feira.

"A partir de hoje, 15.200 funcionários públicos, tanto nas cidades como nos estados, foram suspensos do serviço e passam a ser investigados", diz uma nota publicada pela agência de notícias estatal Anadolu.

No comunicado, o ministério destaca que as suspensões estão ligadas à rede de seguidores de Gülen identificada pelo governo

turco como FETÖ (sigla em turco para "organização terrorista Fethullah"), mas não fornece mais detalhes sobre os cargos dos funcionários que foram suspensos.

Assistir ao vídeo01:05

Veja imagens da destruição na capital turca após a tentativa de golpe de Estado

De acordo com a imprensa turca, o Conselho de Ensino Superior turco exigiu que 1.577 reitores de universidades ao redor do país renunciassem aos cargos nesta terça-feira. Segundo a emissora estatal TRT, trata-se de todos os reitores do país. Do total, 1.176 seriam de universidades públicas e 401 de instituições privadas, noticiou a Anadolu.

Além disso, o Ministério da Educação revogou a licença de 21 mil professores que trabalham em instituições particulares, informou um funcionário da pasta à agência de notícias Reuters. Segundo ele, há "denúncias de que essas pessoas estariam ligadas a atividades terroristas".

Mais demissões

Seguindo a onda de afastamentos, mais de 250 funcionários do escritório do primeiro-ministro turco, Binali Yildirim, foram demitidos nesta terça-feira, segundo a Anadolu. Já no Serviço de Inteligência da Turquia (MIT), 100 foram suspensos de suas funções.

Também nesta terça-feira, a autoridade de rádio e televisão da Turquia cancelou as licenças de "todas as emissoras de rádio e televisão que tenham dado respaldo aos conspiradores golpistas". A medida afeta 24 veículos de imprensa, que, segundo o governo, estão vinculados a Gülen.

As suspensões desta terça-feira se somam a outras drásticas medidas tomadas pelo governo turco desde o golpe fracassado na semana passada, que deixou ao menos 264 mortos e mais de 1.500 feridos.

De acordo com dados oficiais e relatos da mídia, no total, 29.464 pessoas já foram suspensas de seus cargos desde a última sexta-feira, entre funcionários do serviço público, da polícia e das forças de segurança turcas. Além disso, 6.319 soldados estão sob custódia, e 950 civis foram presos.

EK/afp/dpa/efe/lusa/rtr



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Trump oficializado candidato à Casa Branca

O magnata Donald Trump foi nomeado oficialmente candidato do Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos durante o segundo dia da convenção nacional da legenda. No evento, que ocorre em Cleveland, Trump garantiu os 1.237 votos dos delegados do partido – o mínimo necessário para oficializar a indicação pela legenda. "É uma honra", declara o empresário. (19/07)



© picture-alliance/AP Photo/K.-J. Hildenbr

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Ataque em trem no sul da Alemanha

Um jovem do Afeganistão de 17 anos invadiu um trem regional na cidade de Würzburg, no sul da Alemanha, e feriu pelo menos cinco passageiros com golpes de machado e faca. O suspeito, que chegou sozinho ao país como requerente de asilo, foi morto pela polícia ao tentar fugir do local. Quatro pessoas estão em estado grave. As motivações do ataque não foram inicialmente esclarecidas. (18/07)



© Reuters/J. Bachm

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Novas mortes de policiais no sul dos EUA

Dez dias após morte de cinco policiais em Dallas, três outros foram fuzilados em Baton Rouge, Luisiana. Há também feridos. Os agentes da lei foram vítimas de uma emboscada quando atendiam a um chamado de emergência relativo a tiros ouvidos. Um dos suspeitos do ataque foi abatido, dois outros estão foragidos, informou porta-voz da polícia. (17/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Apoio em massa para Erdogan

No dia após o golpe de Estado frustrado, com saldo de 160 mortos, grande parte da população de Ancara atendeu ao apelo de políticos turcos de ponta, entre os quais o próprio chefe de Estado Recep Tayyip Erdogan, para ir às ruas reafirmar seu apoio ao governo. Na operação de limpeza subsequente já foram presos cerca de 2.800 militares e destituídos mais de 2.700 juizes. (16/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Tentativa de golpe militar na Turquia

Militares turcos geraram caos ao declarar que tomaram "totalmente o comando" de Ancara. As autoridades locais, porém, negaram ter perdido o controle, e uma onda de ataques, manifestações e conflitos se iniciaram em Istambul e na capital. A confusão adentrou a madrugada e, na manhã do dia seguinte, o presidente Erdogan declarou ter retomado o controle da situação e fracassado o golpe.

(15/07)



© Getty Images/AFP/V. Ha

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Dezenas de mortos em ataque na França

Um caminhão avançou sobre uma multidão e matou dezenas de pessoas em Nice, no sul da França. As primeiras declarações oficiais falavam em mais de 70 mortos. Milhares de pessoas estavam reunidas para acompanhar a queima de fogos de artifício em comemoração ao Dia da Bastilha, data nacional da França. O motorista do caminhão, carregado com armas e explosivos, foi morto a tiros pela polícia. (14/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

A nova premiê britânica

A líder do Partido Conservador, Theresa May, tornou-se primeira-ministra britânica depois de ser nomeada pela rainha Elizabeth 2^a em audiência no Palácio de Buckingham, em Londres. May, de 59 anos, é a segunda mulher a ocupar o cargo, depois da também conservadora Margaret Thatcher (1979-1990). "Depois do referendo, temos diante de nós uma época de grandes mudanças", afirmou. (13/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Funeral de policiais em Dallas

Em discurso durante o funeral dos cinco policiais mortos por um franco-atirador em Dallas, o presidente americano, Barack Obama, afirmou que o massacre expôs a "falha mais profunda" da democracia dos EUA. "Estou aqui para dizer que devemos rejeitar tamanho desespero. Estou aqui para insistir que não estamos tão divididos quanto parecemos. (12/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Festa em Lisboa

Milhares de portugueses recepcionaram a seleção de Portugal no aeroporto de Lisboa após a inédita conquista da Eurocopa. Com um gol do atacante Éder, na segunda etapa da prorrogação, a Seleção das Quinas derrotou a anfitriã França, neste domingo, e conquistou seu primeiro título no futebol mundial. (11/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Protesto violento em Berlim

Berlim viveu a manifestação mais violenta dos últimos cinco anos na cidade, com 123 policiais feridos e 86 detidos. O protesto contra a desocupação de um prédio no bairro de Friedrichshein começou de forma pacífica. Horas depois, centenas de manifestantes encapuzados entraram em confronto com a polícia, atirando pedras, garrafas e fogos de artifício. A violência se estendeu por horas.

(10/07)



© picture-alliance/dpa/S. N. Pool/The Dallas Morning News

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Massacre em Dallas

Franco-atiradores fizeram uma emboscada e abriram fogo contra policiais durante um ato contra a morte de dois negros nos EUA. Cinco agentes de segurança foram mortos e seis ficaram feridos no incidente mais mortal para a polícia americana desde o 11 de Setembro. Três suspeitos foram detidos. Um deles disse que "queria matar pessoas brancas". (08/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Cunha renuncia à presidência da Câmara

O presidente afastado da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), renunciou à presidência da casa. Cunha disse que é alvo de perseguição por ter aceito a denúncia que deu início ao processo de impeachment da presidente afastada Dilma Rousseff.

"Resolvi ceder ao apelos generalizados dos meus apoiadores.

Somente a minha renúncia poderá pôr fim a essa instabilidade sem prazo." (07/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Relatório critica invasão britânica no Iraque

Um relatório divulgado em Londres criticou o ex-premiê Tony Blair e seu governo pela decisão de se unir à invasão do Iraque, liderada pelos EUA, sem que houvesse base legal satisfatória ou planejamento adequado. O chamado relatório Chilcot conclui que o Reino Unido se uniu à invasão sem esgotar as alternativas pacíficas e subestimou as consequências de sua participação na guerra.

(06/07)



© picture-alliance/dpa/Nasa/Jpl-Caltech/Hand

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Sonda Juno entra na órbita de Júpiter

Após uma viagem de cinco anos e 870 milhões de quilômetros, a sonda Juno da Agência Espacial Americana (Nasa), movida a energia solar, entrou na órbita de Júpiter. Durante 20 meses, a nave não tripulada dará 37 voltas ao redor do planeta até chegar à sua superfície. A sonda deslocou-se a uma velocidade de mais de 200 mil quilômetros por hora. Custo da missão? Cerca de 1 bilhão de dólares. (05/07)



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Múltiplos ataques suicidas na Arábia Saudita

Dois dias antes do fim do mês sagrado muçulmano do Ramadã, homem-bomba detonou colete explosivo próximo à Mesquita do Profeta, a segunda mais sagrada do islã. A explosão matou quatro seguranças, além dos próprio agressor. Horas antes, o país registrou detonações perto de uma mesquita em Qatif, cidade de maioria xiita, e de consulado americano em Jidá. (04/07)



© picture-alliance/dpa/A. Ab

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Mais de 100 mortos em Bagdá

Um atentado com carro-bomba matou mais de cem pessoas e feriu quase 200 numa área comercial do centro da capital iraquiana. O ataque foi reivindicado pelo grupo "Estado Islâmico" (EI). Um suicida detonou os explosivos quando passava de carro no meio de uma multidão de maioria xiita que fazia compras na véspera do final do mês sagrado muçulmano do Ramadã. (03/07)



© Reuters/M. Hossain C

O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Ataque em Bangladesh

Vinte reféns foram mortos por terroristas do grupo "Estado Islâmico" (EI) num restaurante frequentado por estrangeiros na região diplomática de Daca, capital de Bangladesh, anunciou o Exército do país. A maioria das vítimas era da Itália e Japão. Seis jihadistas e dois policiais foram mortos. (02/07).



O MÊS DE JULHO EM IMAGENS

Cem anos da Batalha do Somme

Reino Unido e França lembraram o centenário do início da Batalha do Somme, em que os dois países combateram as linhas de defesa alemãs em território francês. O combate é considerado um dos mais sangrentos da Primeira Guerra Mundial. Mais de 1 milhão de pessoas morreram, ficaram feridas ou desapareceram durante a Batalha do Somme, que durou de julho até novembro de 1916.

(1º/07)

◀ 1 / 18 ▶

[LEIA MAIS](#)

Cresce medo de repressão na Turquia após golpe fracassado

Depois da tentativa por parte de militares de tomar o poder, muitos turcos temem mais intervenções no Judiciário e na imprensa.

Reintrodução da pena de morte é discutida, e especialistas alertam para radicalismo. (19.07.2016)

Merkel a Erdogan: "Pena de morte é incompatível com UE"

Em telefonema com presidente turco, chanceler federal alemã afirma que reintrodução da pena capital por Ancara seria rejeitada pelo bloco europeu e impediria uma possível adesão da Turquia ao bloco. (18.07.2016)

Por que a tentativa de golpe na Turquia fracassou?

Militares que tentaram tomar o poder em Ancara e Istambul quase alcançaram seu objetivo, mas cometeram erros graves – por exemplo, ao não conseguirem cooptar de forma suficiente as forças policiais. (18.07.2016)

Ex-comandante turco nega participação em tentativa de golpe

Segundo a imprensa turca, o ex-chefe da Força Aérea Akin Öztürk diz não ser "a pessoa que liderou o golpe de 15 de julho". Quase um terço dos generais e almirantes das Forças Armadas estão detidos, afirma agência. (18.07.2016)

UE exige respeito ao Estado de Direito na Turquia

"Democracia deve ser respeitada", alerta chefe da diplomacia europeia. Seis mil pessoas estão detidas, entre elas 2.900 militares, sob acusação de envolvimento no golpe fracassado, depois de Erdogan anunciar "limpeza". (18.07.2016)

O mês de julho em imagens

ÁUDIOS E VÍDEOS RELACIONADOS

Veja imagens da destruição na capital turca após a tentativa de golpe de Estado

- **Data** 19.07.2016

- **Compartilhar** [Facebook](#) [Twitter](#)[google+](#)

CONTEÚDO RELACIONADO

Turquia proíbe acadêmicos de viajar ao exterior 20.07.2016



Medida visa evitar que suspeitos de envolvimento na tentativa de golpe fujam do país, dizem autoridades. Cerca de 50 mil já foram afastados ou demitidos. Wikileaks é bloqueado após divulgar e-mails do partido governista.

Por que a tentativa de golpe na Turquia fracassou? 18.07.2016



Militares que tentaram tomar o poder em Ancara e Istambul quase alcançaram seu objetivo, mas cometeram erros graves – por

exemplo, ao não conseguirem cooptar de forma suficiente as forças policiais.

Ex-comandante turco nega participação em tentativa de golpe18.07.2016



Segundo a imprensa turca, o ex-chefe da Força Aérea Akin Öztürk diz não ser "a pessoa que liderou o golpe de 15 de julho". Quase um terço dos generais e almirantes das Forças Armadas estão detidos, afirma agência.

Solução para Turquia está em redemocratização do país, diz Partido Comunista Francês

Redação | São Paulo - 18/07/2016 -
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/44724/solucao+para+turquia+esta+em+redemocratizacao+do+pais+diz+partido+comunista+frances.shtml>

Em nota, partido pede que França e demais países-membros da União Europeia parem de dar apoio a presidente turco, Recep Tayyip Erdogan

O PCF (Partido Comunista Francês) expressou solidariedade ao povo turco neste domingo (17/07) e afirmou que a solução para a Turquia, onde houve uma tentativa de golpe de Estado militar na sexta-feira (15/07), passa pela redemocratização do país.

Agência

Efe



Manifestantes contrários a golpe tomam controle de tanques que foram às ruas na tentativa de derrubar presidente turco

Em [nota publicada](#) em seu site, o PCF diz que a “política de polarização extrema, orquestrada pelo AKP [Partido Justiça e Desenvolvimento, do presidente Recep Tayyip Erdogan], atçou as fraturas no seio das Forças Armadas”.

Na sexta-feira (15/07), uma tentativa de golpe de Estado militar no país deixou mais de 290 pessoas mortas, segundo o Ministério de Relações Exteriores do país. De acordo com o primeiro-ministro turco, Binali Yildirim, ao menos 7.500 foram presas até esta segunda (18/07).

O comunicado afirma que democratas e progressistas na Turquia estão “emparedados entre a violência do Estado, a mobilização da extrema-direita e de ultrarreligiosos e a rebelião militar” e indica a redemocratização como solução para o país.

“Como enfatizado pelo Partido Popular Democrático [HDP, Partido de centro-esquerda pró-curdo] não pode haver outra solução que

não seja a redemocratização da Turquia e o estabelecimento de uma paz duradoura em todo o país, especialmente nas cidades curdas cercadas há quase um ano pela polícia e exército”, diz o texto.

[Fethullah Gülen: de aliado de Erdogan à 'encarnação do terrorismo'](#)

[O que aconteceu na Turquia? Por que os militares tentaram tomar o poder?](#)

[Sobe para 7.500 número de pessoas detidas após tentativa de golpe de Estado na Turquia](#)

PUBLICIDADE

De acordo com o PCF, a política de Erdogan “conduz ao caos”, e tanto a França como outros países-membros da UE (União Europeia) devem condenar e parar de dar apoio ao presidente turco. Ele estaria, segundo o partido, tentando capitalizar os acontecimentos dos últimos dias para restaurar sua imagem e a da Turquia, que estava diplomaticamente “isolada”.

“É da responsabilidade da França e de países-membros da UE cessar seu apoio a este regime que representa para a Turquia e a região mais um obstáculo para a paz e a segurança coletiva”, diz a nota.

O texto afirma também que, após a tentativa de golpe no país, “o pior já está em marcha”, em referência à prisão de opositores de Erdogan, principalmente no Poder Judiciário e no Exército, “em violação total ao Estado de Direito”.

Segundo o Partido Comunista Francês, apesar de o presidente turco tentar se apresentar como “defensor da democracia”, ele tenta estabelecer “uma ditadura”, com medidas que “atacam liberdades”, como a pluralidade da mídia e a redução do poder de membros da oposição. Como exemplo, a agremiação citou a retirada de imunidade parlamentar para deputados da HDP em maio deste ano.

Suspected Turkey Coup Leader Served as Military Attaché to Israel

General Akin Öztürk, who served as commander of Turkey's air force, was arrested Saturday in connection with the failed coup. At least five other generals were detained.

<http://www.haaretz.com/middle-east-news/turkey/1.731349>

Asaf Ronel Jul 16, 2016 9:30 PM

3comments [Subscribe now](#)

3937share on [facebook](#) [Tweet](#) [send via email](#) [reddit](#)
[stumbleupon](#)

In this photo, Turkish Air Force General Akin Ozturk is seen on the far right. Burhan Ozbilici, AP

Analysis Deep rifts in Turkey military brass boil over into coup attempt

Erdogan calls on Obama to extradite cleric blamed for leading coup attempt

Turkey purges military as failed coup leaders arrested, remaining forces surrender

Six senior army commanders were arrested in connection with the failed coup that began Friday night, including General Akin Öztürk, who in the 1990s was the Turkish military attaché to Israel, a Turkish official told reporters.

Öztürk, who later served as the commander of Turkey's air force, served in his country's Tel Aviv embassy from 1998 to 2000. The 64-year-old military figure stepped down as air force commander last year, but continued to serve on Turkey's Supreme Military Council.

Though now considered an archenemy of Turkish authorities, particularly of its president, Recep Tayyip Erdogan, prior to Friday's coup attempt he was a celebrated military leader, boasting medals from his own air force as well as from NATO, the Israeli news website Ynet noted.

The Turkish prosecutor's office has announced that Gen. Öztürk and his alleged partners would be tried on charges of treason. Turkish Prime Minister Binali Yildirim reportedly told Turkish public television

that the plotters would not be subject to the death penalty, since it is outlawed by the Turkish constitution, but added that constitutional changes would be considered in an effort to head off future coups.

Akın ÖztürkWikicommons

At least five other generals were detained in connection with the coup, including the commander of the Second Army, General Adem Huduti, the most senior officer to be apprehended so far. The Second Army, based in Malatya, protects Turkey's borders with Syria, Iraq and Iran. The Malatya Garrison Commander Avni Angun, and the third army commander Erdal Öztürk were also detained, Hurriyet reported.

A Turkish official said Saturday that those behind the attempted coup had been preparing for some time to overthrow the Turkish government. They had planned, for example, which military officers would take over as governors and as the heads of government agencies, the official said, but moved their plans forward due to an upcoming meeting of the Supreme Military Council, which convenes every August to consider military appointments and retirements.

Those behind the coup were concerned that they would be removed from their positions at next month's meeting, the official said. The coup planners' immediate goal, the official added, was to seize control of key locations, such as a bridge over the Bosphorus and Taksim Square in Istanbul and key institutions in the capital, Ankara, including the presidential palace, parliament and the intelligence agency. They also attempted to take over communications infrastructure and actually managed to seize telecommunications facilities in some locations, the official said.

Turkish police on Saturday also apprehended two members of the country's constitutional court, the most senior judicial figures among scores detained so far following the coup. At the same time, Turkish authorities have also arrested 10 members of the Council of State, the country's top administrative court, and are searching for 140 members of the court of cassation, broadcaster NTV reported. Turkish authorities ordered 2,745 judges and prosecutors to be detained.

Forces loyal to Turkey's government fought on Saturday to crush the last remnants of a military coup attempt which collapsed after crowds answered President Tayyip Erdogan's call to take to the streets and dozens of rebels abandoned their tanks.

One hundred and sixty-one people were killed, including many civilians, after a faction of the armed forces tried to seize power using tanks and attack helicopters. Some strafed the headquarters of Turkish intelligence and parliament in the capital, Ankara, and others seized a major bridge in Istanbul.

Erdogan accused the coup plotters of trying to kill him and launched a purge of the armed forces, which last used force to stage a successful coup more than 30 years ago.

One government minister said some military commanders were still being held hostage by the plotters. But the government declared the situation fully under control, saying 2,839 people had been rounded up from foot soldiers to senior officers, including those who had formed "the backbone" of the rebellion.

Asaf Ronel Haaretz Correspondent

ONDE VAI PARAR?

[Carlos Reis](https://www.facebook.com/) – 18 JUL -<https://www.facebook.com/>

Entretanto na Turquia a Grande Purga está em marcha como um rolo compressor implacável. Cerca de 20 000 pessoas foram já reprimidas. Em menos de 72 horas já foram confirmadamente presas 7 543 pessoas. Neste grupo de prisões encontram-se mais de 6 000 militares, de todas as patentes, milhares de soldados rasos conscritos incluídos e cerca de 100 oficiais superiores das várias polícias e agências de segurança. Estão presos arbitrariamente 755 juizes e procuradores. E cerca de 650 civis indiscriminados. Cerca de 8000 polícias de todos os graus foram entretanto afastados. Cerca de 1500 funcionários do Ministério das Finanças foram suspensos. 30 Governadores provinciais afastados. 50 altos dirigentes da Administração Pública também. A cerca de 3 milhões de funcionários públicos foram entretanto canceladas as autorizações para gozarem as férias. Cerca de 3000 juizes e procuradores foram suspensos de funções (como se disse, 755

deles estão já presos). Foi anunciada igualmente para esta semana uma purga massiva nos quadros do Ministério do Interior. 103 Generais do Exército, da Força Aérea, e Almirantes da Marinha, estão detidos para interrogatório ainda sem qualquer relação confirmada com o putch de sexta-feira. Alguns deles foram severamente torturados. O General Akin Ozturk, o antigo Chefe da Força Aérea, apareceu visivelmente torturado e humilhado perante um Tribunal de exceção, conjuntamente com os seus homens, todos severamente feridos, e foi acusado de ser o chefe do golpe, o que ele negou veementemente, mesmo depois da tortura a que foi sujeito e perante a humilhação imposta pela população, mas sem nunca ter perdido a compostura. Olhando para estes oficiais, tão mal tratados e enxovalhados, e sujeitos à fúria de um Tribunal plenário popular, mas tão dignos, não podemos deixar de nos recordar de outras imagens históricas. O Tribunal Popular, o Volksgerichtshof, em Berlim, em Agosto de 1944, a esmagar o punhado de oficiais alemães que ousaram em desespero tentar dar um golpe definitivo no Terror. Confirma-se pois que a Turquia cavalga para um Grande Terror e que as instituições turcas ruíram e estão à mercê da multidão fanatizada por um tirano. A sua entrevista de hoje à CNN, que eu acabei de ver, confirma a personalidade sociopata do homem. Impante, com ar desdenhoso, não conseguiu, nem quis, de maneira nenhuma, disfarçar o seu contentamento pelo "presente de Deus" que lhe deu o alibi para impor uma "Turquia nova". Uma farsa grotesca que não se vê como vai parar.

Expurgo na Turquia já atinge 50 mil pessoas após golpe fracassado

Governo revoga licenças de 21 mil professores que trabalham em instituições privadas

POR O GLOBO / AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

19/07/2016 12:40 / ATUALIZADO 19/07/2016 15:08

[HTTP://OGLOBO.GLOBO.COM/MUNDO/EXPURGO-NA-TURQUIA-JA-ATINGE-50-MIL-PESSOAS-APOS-GOLPE-FRACASSADO-19745049](http://oglobo.globo.com/mundo/expurgo-na-turquia-ja-atinge-50-mil- pessoas-apos-golpe-fracassado-19745049)



Erdogan cumprimenta apoiadores do lado de fora da sua residência em Istambul - **HANDOUT / REUTERS**

ISTAMBUL — A Turquia intensificou a repressão a opositores e pessoas supostamente envolvidas no golpe militar fracassado da semana passada, estendendo o expurgo do Exército, da polícia e do Judiciário a universidades, autoridades religiosas e à agência de inteligência. Já são cerca de 50 mil soldados, policiais, juízes, funcionários públicos e professores afastados ou detidos desde o levante militar entre sexta-feira e sábado, acirrando as tensões em todo o país.

Veja também



- Turquia afasta 15 mil funcionários da Educação após golpe fracassado



- Turquia cancela licenças de rádio e TV ligadas a Gülen



- Turquia amplia caça às bruxas e expurgo já atinge 20 mil servidores



- Pena de morte

Enquanto o governo caça os insurgentes, o premier turco, Binali Yildirim, prometeu nesta terça-feira acabar “pela raiz” com o movimento do clérigo muçulmano Fethullah Gülen — exilado nos Estados Unidos e acusado de estar por trás da tentativa de golpe — e erradicar todos os seus aliados.

Numa onda de repressão, as licenças de 21 mil professores que trabalham em instituições privadas foram revogadas. Além disso, o Conselho de Ensino Superior ordenou a saída de 1.577 reitores universitários por todo o país. Mais cedo, o governo havia sido anunciado o afastamento de 15 mil funcionários do Ministério da Educação.

— As licenças de 21 mil professores trabalhando em instituições privadas foram canceladas. Denúncias de que estas pessoas estão em sua maioria ligadas a atividades terroristas foram levadas em

consideração — disse uma autoridade do ministério sem oferecer mais detalhes.

Após a madrugada sangrenta que matou 290 pessoas na Turquia entre sexta-feira e sábado, o governo chamou os insurgentes militares — que tentaram tomar o poder — de terroristas. O presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, vem sugerindo a possibilidade de reestabelecer a pena de morte para punir os rebeldes.

Em uma tentativa de tranquilizar a comunidade internacional, o premier negou a existência de um “espírito de vingança” contra as pessoas envolvidas na tentativa de golpe. A declaração, no entanto, não parece condizer com as ações tomadas pelo governo.

Em um comunicado, o Ministério da Educação já havia anunciado a suspensão de mais de 15 mil de seus funcionários suspeitos de ter vínculos com o imã Fethullah Gülen. As novas demissões em massa somam-se aos milhares de militares e servidores civis destituídos ou detidos na sequência do levante militar.

— Uma coisa assim é absolutamente inaceitável no Estado de direito — disse Yildirim no Parlamento. — Esta nação tira sua força do povo, não dos tanques.

Fontes informaram nesta terça-feira que 257 funcionários do gabinete do premier foram afastados também por suspeita de envolvimento na tentativa de golpe. No mesmo dia, uma autoridade turca disse que cem funcionários da Inteligência foram suspensos por suposta ligação com o movimento religioso de Gülen.

ESTADO DE DIREITO

As imagens que mostram agressões e humilhações contra os soldados golpistas que se renderam provocaram uma grande polêmica, sobretudo nas redes sociais. Líderes ocidentais apelaram à Turquia para que se respeite o Estado de Direito.

— O nível de vigilância e de atenção será importante nos próximos dias — advertiu o secretário de Estado americano, John Kerry.

Em uma entrevista ao canal CNN, Erdogan disse que sua vida correu perigo durante a tentativa de golpe, mas os detalhes de seu retorno da cidade de Marmaris (oeste), onde estava de férias, continuam sendo confusos.

— Se tivesse ficado 10 ou 15 minutos a mais no hotel, teriam me matado, sequestrado ou transferido — disse na segunda-feira à noite à rede de televisão americana.

Até o momento, ao menos 118 generais e almirantes foram detidos em todo o país por suposta participação no golpe, segundo a agência de notícias estatal Anadolu.

Um tribunal de Ancara determinou a prisão preventiva de 26 generais e almirantes do Exército na segunda-feira, acusados, entre outros crimes, de tentativa de derrubar a ordem constitucional, de liderar um golpe armado, de tentativa de assassinato do presidente Erdogan e de formação de um grupo armado.

Um dos generais presos, Akin Ozturk, que segundo parte da imprensa teria sido o cérebro da tentativa, nega as acusações.

“Não sou a pessoa que planejou ou liderou o golpe. Não sei quem o fez”, afirmou Ozturk em um texto apresentado ao tribunal. “Com base em minha experiência, acredito que a estrutura paralela (uma referência à rede do pregador Fetulhah Gülen) aplicou a tentativa de golpe de Estado militar”.

O tenente-coronel Erkan Kivrak, assistente militar de Erdogan, também foi detido, segundo a agência. O Estado-Maior afirmou que a grande maioria das Forças Armadas não teve absolutamente nada a ver com a tentativa de golpe.

A respeito de Gülen, Ancara indicou ter enviado informações a Washington por seus supostos vínculos com a tentativa de golpe, anunciou Yildirim. Mas o clérigo, exilado nos Estados Unidos desde 1999, nega qualquer envolvimento na intentona.

— Sempre fui contra a intervenção de militares na política interna — afirmou na segunda-feira em uma entrevista à AFP nos Estados Unidos. — Em um panorama como este, já não é possível falar de democracia, de Constituição, de uma forma de governo republicano — acusou o líder opositor, ex-aliado de Erdogan e atualmente seu grande inimigo.

Além disso, o religioso afirmou que o governo pode ter desempenhado um papel na tentativa de golpe.

— Há informações da imprensa que indicam que membros do partido no poder estavam a par da tentativa oito, 10 ou 14 horas antes — disse.

O contragolpe na Turquia foi um golpe da Rússia contra a CIA, por J. Carlos de Assis

JOSÉ CARLOS DE ASSIS



O contragolpe na Turquia foi um golpe da Rússia contra a CIA

<http://jornalqgn.com.br/noticia/o-contragolpe-na-turquia-foi-um-golpe-da-russia-contra-a-cia-por-j-carlos-de-assis#.V5IB9ZYGivM.facebook>

por J. Carlos de Assis

Só uma idiota pode imaginar que um exército experiente como o da Turquia, testado no passado em vários golpes de Estado, fosse tão incompetente para realizar mais um, tendo à mão todos os instrumentos do poder militar. Só um idiota acabado pode imaginar que o povo na rua é capaz de reverter um golpe militar em andamento. Só um idiota tonto poderia imaginar que ao governo turco e seu presidente fosse deixado acesso a meios de comunicação com o povo, sem prévio planejamento, em pleno processo de desenvolvimento do golpe.

A marcha da suposta tentativa de golpe e do contragolpe foi precedida de movimentos bem articulados no xadrez geopolítico do país que une Europa à Ásia e, portanto, desempenha um papel chave nas relações com os dois continentes. Começa pela cobertura que a CIA dá ao clérigo Fethullah Gullen, o principal rival de Erdogan. Em nome dos direitos humanos e contrariamente às tendências fundamentalistas do Presidente, ele prega para a Turquia uma espécie de “primavera” liberal, sob proteção dos EUA e em seu interesse geopolítico.

Nós vimos que deu a “primavera líbia” e os diferentes tipos de intervenções norte-americanas nos últimos anos e décadas, operadas através de ONGs patrocinadas direta ou indiretamente pelo Departamento de Estado na África e no Oriente Médio: países, como Líbia, Somália, Afeganistão simplesmente foram liquidados; Egito, Yemen, Iraque, Paquistão foram profundamente abalados ou continuam em guerra. O governo turco, não muito confiável para Washington, aparentemente estava destinado a ser a bola da vez.

O que aconteceu, afinal? Bem, vamos seguir os movimentos dos principais atores nesse jogo. Meses atrás um avião turco operado desde uma base partilhada com os norte-americanos derrubou um caça russo supostamente em seu espaço aéreo. A Rússia reagiu verbalmente – “foi como uma punhalada pelas costas”, disse Putin – mas não foi além disso. O assunto desapareceu da imprensa até que, em maio último, Putin anunciou que gostaria de ter uma reaproximação com a Turquia e para isso esperava uma sinalização clara dela no mesmo sentido.

Em junho, Erdogan mandou uma carta para Putin a qual vai muito além de meras medidas diplomáticas: foi um pedido de desculpas completo, quase um pedido de perdão extensivo à família do piloto morto, à qual ofereceu a assistência material necessária para minorar seu sofrimento pela perda. Anunciou, além disso, que o incidente do caça seria investigado. Em resposta, Putin marcou uma visita com ampla comitiva governamental a Istambul. Esteve lá antes do golpe, em julho, e foi o primeiro chefe de Estado a visitar Erdogan depois do malogrado golpe.

Diante desses fatos, não é difícil dar um sentido prático aos acontecimentos na Turquia: o serviço secreto russo (talvez com ajuda chinesa) descobriu preparativos de golpe contra Erdogan, por parte do clérigo Gullen, a partir dos Estados Unidos. Acompanhou esses preparativos ainda enquanto se desenvolviam e provavelmente identificou os códigos e as senhas para a deflagração do golpe em momento oportuno. Com o conhecimento prévio dessas senhas, o Governo montou uma armadilha e desencadeou falsamente o golpe.

Só esse roteiro justifica o fato de que Erdogan, uma vez senhor da situação, tenha desencadeado uma operação de caça a militares comprometidos e, sobretudo, a mais de 2 mil juízes e promotores.

Os nomes desses envolvidos não poderiam ter sido arrolados de um dia para outro. Da mesma forma, o fechamento da base aérea turca de Incirlik, partilhada com os americanos, não ocorreria jamais caso o Presidente turco não tivesse certeza absoluta da participação norte-americana na tentativa de golpe. Enfim, o tempo da revolução de estações parece ter-se esgotado. Restou, por acaso, o golpe de inverno no Brasil!

J. Carlos de Assis - Economista, professor, doutor pela Coppe/UFRJ.

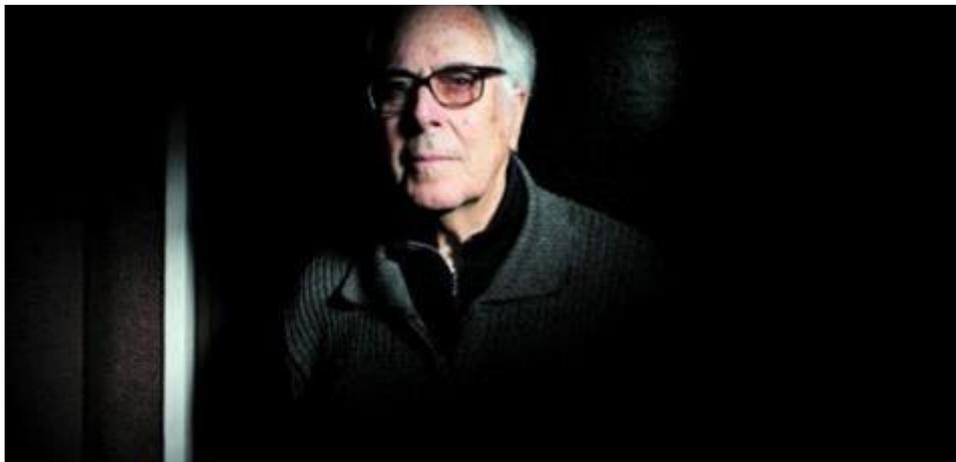
GUGA



Erdogan afirma que Forças Armadas da Turquia serão rapidamente reestruturadas

<http://g1.globo.com/globo-news/globo-news-em-pauta/videos/t/todos-os-videos/v/erdogan-afirma-que-forcas-armadas-da-turquia-serao-rapidamente-reestruturadas/5180846/>

Golpe de Estado em direto: de Istambul a Nice, passando por Berlim



Golpe de Estado em direto: de Istambul a Nice, passando por Berlim

Alguma vez haveria de acontecer: a tecnologia está aí, os conflitos abundam, há armas a rodos, há homens que ainda vão pensando e transformando o...

Estátua de Sal, 16-07-2016, 01h 30m.



Alguma vez haveria de acontecer: a tecnologia está aí, os conflitos abundam, há armas a rodos, há homens que ainda vão pensando e transformando o descontentamento em atos, e no final, com recurso à criptografia e aos números primos sempre se vai conseguindo organizar algo que escape ao olho do *Grande Irmão*. E digo isto, porque, fazer um golpe militar, bem sucedido ou não, nos dias de hoje, com a rede de vigilância que há sobre todas as comunicações, institucionais e privadas, sem que as agências de informação o tivessem antecipado, não é para amadores, ou mesmo para medianos peritos. A não ser que o golpe esteja a ser apoiado, na sombra pelo menos, por uma grande agência de informação e não quero dar palpites, podendo ser até um chamado golpe de “falsa bandeira”.

Deixo os palpites para os comentadores da SIC e afins, para o Dr. Rogeiro, para o Dr. Monjardino para o Dr. Garoupa e outros que tais, e para os pivots que fazem um esforço hercúleo para “encher linguiça”, debitando verdades do senso-comum, e aguardando instruções para saberem qual dos lados devem apoiar ao nível da metalinguagem discursiva.

Que bloquearam as televisões, os jornais, as rádios, e (hélas) as redes sociais. É clássico nos golpes militares. Mas claro que os turcos – cuja fileira militar é moderna e esclarecida – não tem tecnologia para bloquear as comunicações por satélite, logo há jornalistas a comunicar via internet, via Skype e outro tipo de aplicações semelhantes. É bom? É mau? Não sabemos. Tudo isto é inédito.

Mas se for para afastar o fundamentalismo religioso-político de Ergodan eu até acho bem e subscrevo. O tipo é um fascistoide que pretende fazer regredir a ocidentalização e a abertura da Turquia aos valores democráticos para uma nova idade das cavernas.

Um tipo que disse: “As mesquitas são os nossos quartéis, as cúpulas os nossos capacetes, os minaretes as nossas baionetas, e os crentes os nossos soldados”, não me pode merecer nenhuma confiança nem tranquilidade.

O mesmo não acha, do cavalheiro, a D. Merkel e os próceres da Europa que lhe entregaram o dossier dos refugiados e ainda lhe encheram os cofres de alvíssaras de ouro.

Quem faz alianças destas com escroques deste matiz, só pode ser hipócrita quando depois vem verter lágrimas de conveniência quando ocorrem atentados terroristas como o de ontem em Nice.

Entre outras causas, os atentados continuarão a ocorrer enquanto os líderes políticos da Europa sofrerem da doença que eu denomino por “relativismo moral”, e que consiste em desculpar os escroques, em termos práticos e axiológicos, sempre que eles lhes são úteis.

Dito em linguagem que toda a gente entende e que foi atribuída a um Secretário de Estado americano, Cordell Hull, que se referia ao sanguinário ditador mexicano, Rafael Trujillo: “Ele pode ser um filho da puta, mas é o nosso filho da puta”.

Pois é, Ergodan também é um filho da puta, mas é o filho da puta da Sra. Merkel e do Sr. Schauble e como tal tudo lhe tem sido perdoado, até o apoio que tem dado ao dito Estado Islâmico. O tal arremedo de Estado que todos dizem atacar e que ameaçam quando este – supostamente -, ataca na Europa

com atos da maior barbárie. Mas como podem verberar tais ataques se apoiam e beijam a mão a um dos maiores suportes, pelo menos financeiros através da compra de petróleo, dos supostos inspiradores de tais ataques, que é Ergodan?

Pois é. Tem sido esta a política do Ocidente, chefiada pelos interesses dos EUA, das suas multinacionais e dos grandes players do capitalismo financeiro global. *Business over the principles*. Até porque, os valores e a ética não são quantificáveis em folhas de Excel nem em cotações da Bolsa.

Pois bem. A tecnologia veio para ficar e a tecnologia não tem alma, moral ou princípios. Pode ser usada para melhorar a vida de milhões de seres humanos ou para os destruir, e a sua disponibilidade e facilidade de acesso permite, nos dias de hoje, que os maiores horrores sejam cometidos com poucos meios. É isso que está a acontecer. E contra isso, não há defesa possível.

Até porque, “fabricar” gente que se dispõe a morrer pela certa em nome de abstrações, ideias, promessas de ressurreição entre virgens ou seja lá o que for, também é um feito da tecnologia. Não da tecnologia das bombas ou dos mísseis mas da tecnologia do condicionamento mental e da despersonalização. Programação de humanos em vez de programação de robots ou de computadores. E como os robots são caros, temo que os humanos continuem a fazer estragos, sendo sacrificados no altar dos interesses dos seus mandantes.

Voltando à Turquia, a conclusão a esta hora, é que um golpe que não consiga bloquear todas as comunicações do país tem alta probabilidade de ser rechaçado pelo *establishment*. É que tal bloqueio só está ao dispor de grandes atores globais, EUA, Rússia e em menor grau, talvez Israel e poucos mais. Até porque, a informação e a contrainformação em direto infestou-nos os ecrãs, e normalmente, os grandes meios de comunicação estão sempre a favor dos poderes instituídos.

Enquanto tudo isto ocorre, a D. Merkel e o Sr. Schauble assobiam para o ar e estão é preocupados com as duas décimas do *deficit* de 2015 em Portugal.

Com gente desta a conduzir a Europa e o mundo, o destino da humanidade é preocupante.

É por isso que termino com a frase de John Donne que serve de mote inicial ao livro de Hemingway, *Por quem os sinos doam*: “A morte de cada homem diminui-me, porque sou parte da humanidade. Portanto, nunca procures saber por quem os sinos doam; eles doam por ti.”



O "Sultão" sabia de tudo? Por Pepe Escobar

<http://jornalggn.com.br/noticia/o-sultao-sabia-de-tudo-por-pepe-escobar#.V44aiyDZqNc.facebook>

TER, 19/07/2016 ACESSO 22 JULHO

ATUALIZADO EM 19/07/2016 - 08:39



Hipótese provável: Erdoğan conhecia trama para a quartelada e deixou que ocorresse. Agora, pode reerguer-se — e para isso, tende a trocar Europa e EUA pela Ásia
no Outras Palavras

O "Sultão" sabia de tudo?
Por Pepe Escobar

Tradução: **Vila Vudu**

Tudo leva a crer que Deus usa *FaceTime*. Foi por uma sequência icônica de imagens rodadas num iPhone, de local ignorado e exibida ao vivo pela CNN turca por uma âncora totalmente desentendida, que Erdogan conseguiu convocar sua legião de seguidores às ruas, disparar o Poder Popular e derrotar a facção militar que havia tomado a TV estatal e declarara que assumira o poder.

Deus pois trabalha por misteriosas vias celulares móveis. A convocação de Erdogan mobilizou até os jovens turcos que haviam protestado furiosamente contra ele no Parque Gezi; que levaram muito gás lacrimogênio pela cara e foram espancados com jatos dos canhões de água pela polícia dele; que acham detestável o partido *AKP* governante; mas que apoiariam Erdogan contra um “golpe militar fascista”. Para nem dizer que virtualmente todas as mesquitas em toda a Turquia repetiram a convocação de Erdogan.

A versão oficial de Ancara é que o golpe foi perpetrado por uma pequena facção de militares comandada à distância pelo clérigo e exilado na Pennsylvania Fethullah Gulen – agente, ele, pessoalmente, da *CIA*. A autoria permanece por comprovar; mas o certo, mesmo, é que o golpe foi *remix* turca de *Os Três Patetas*; os verdadeiros patetas parecem ser os já detidos comandante do 2º Exército general Adem Huduti; comandante do 3º Exército Erdal Ozturk; e ex-comandante da Força Aérea Akin Ozturk.

Como ex-agentes hiper-excitados da *CIA* ensinavam freneticamente pelas redes norte-americanas – e se há quem entenda de mudança de regime é aquele pessoal! – a regra número um em golpes é mirar e isolar a cabeça da serpente. Mas a esperta cabeça da serpente turca, daquela vez, estava em local incerto e não sabido. Para nem dizer que nenhum alto general capaz de soar suficientemente patriota e convincente foi à TV estatal para explicar os motivos do golpe.

Os golpistas miraram, sim, nos serviços de inteligência – cujas principais posições estão no aeroporto de Istambul, no palácio presidencial em Ancara e perto dos ministérios. Usaram helicópteros Cobra – com pilotos treinados nos EUA – contra aqueles alvos. Miraram também o alto comando do exército – que nos últimos oito anos tem sido nomeado por Erdogan e não goza da confiança do oficialato de médio escalão.

Enquanto ocupavam as pontes do Bósforo, em Istanbul, pareciam estar em contato com a polícia militar – que se estende por toda a Turquia e mantém ligações firmes dentro da própria corporação.

Mas no fim viu-se que não tinham nem o número – nem a preparação – necessária. Todos os ministérios chaves pareciam comunicar-se entre eles enquanto o golpe ia-se desenrolando, bem como os serviços de inteligência. E no que tenha a ver com a polícia turca, são agora uma espécie de guarda pretoriana do [partido] *AKP*.

Enquanto isso, o Gulfstream 4, voo TK8456, de Erdogan decolou do aeroporto de Bodrum, à 1h43, e sobrevoou o nordeste da Turquia, com o transponder ligado, absolutamente sem ser perturbado. Foi de seu avião presidencial, enquanto ainda estava em terra, que Erdogan falou pelo *FaceTime*; depois, do ar, administrou o contragolpe. O avião jamais saiu do espaço aéreo da Turquia – sempre visível aos radares civis e militares. Os jatos F-16 dos golpistas poderiam facilmente tê-lo rastreado e incinerado. Em vez disso, mandaram helicópteros militares bombardearem a residência presidencial em Bodrum horas depois de Erdogan ter deixado o local.

A cabeça da serpente com certeza sabia, 100% de certeza, que entrar naquele avião e permanecer no espaço aéreo turco era tão seguro quanto mastigar um(a) *baklava*. Ainda mais espantoso, o Gulfstream pousou em absoluta segurança em Istanbul nas primeiras horas da manhã do sábado – apesar da ideia dominante segundo a qual o aeroporto estaria ocupado pelos “rebeldes”.

Em Ancara, os “rebeldes” usaram uma divisão mecanizada e dois comandos. Em torno de Istanbul, havia um exército completo; o 3º comando é realmente integrado às forças de resposta rápida da OTAN. Esse 3º comando forneceu os blindados Leopard posicionados nos pontos-chaves em Istanbul – os quais, por falar deles, não abriram fogo.

E ainda os dois exércitos chaves posicionados nas fronteiras com Síria e Irã mantiveram-se em modo “esperar para ver”. Então, às 2h da madrugada, o comando também chave do 7º exército, baseado em Diyarbakir – encarregado de combater contra os guerrilheiros do *PKK*– declarou-se leal a Erdogan. Foi o momento exato, crucial, quando o primeiro-ministro Binali Yildirim anunciou que estava implantada uma zona aérea de exclusão sobre Ankara.

Significou que Erdogan comandava os céus. E que a brincadeira acabara. Misteriosos são os movimentos da história: a zona aérea de exclusão com que Erdogan tanto sonhou, por tanto tempo, sobre Aleppo ou sobre a fronteira sírio-turca, acabou materializada sobre sua própria capital.

“Prenda os suspeitos de sempre”

A posição dos EUA foi extremamente ambígua desde o início. Com o golpe já em andamento, a embaixada dos EUA na Turquia chamou-o de “levante turco”. O secretário de Estado John Kerry, em Moscou para discutir a Síria, também segurou suas fichas. A OTAN manteve-se majestaticamente muda. Só quando já não havia dúvidas de que o golpe fracassara, o presidente Obama e os “aliados da OTAN” proclamaram oficialmente seu “apoio ao governo democraticamente eleito”.

Erdogan, o “Sultão” voltou ao jogo com fúria. Entrou imediatamente ao vivo, na CNN turca, e exigiu que Washington lhe entregasse Gulen, mesmo sem qualquer prova de que seja responsável pelo golpe. E a exigência trazia uma ameaça embutida: “Se querem continuar a ter livre acesso à base aérea Incirlik, têm de me entregar Gulen”. Difícil não lembrar de história recente, quando os EUA de Dick Cheney, em 2001, exigiram que os Talibã lhe entregassem Osama bin Laden, sem qualquer prova de que tivesse sido responsável pelos ataques do 11/9.

Assim sendo, todas as probabilidades apontam para a possibilidade de que os serviços de inteligência de Erdogan soubessem que havia um golpe em construção; e o esperto sultão deixou acontecer, sabendo que fracassaria, porque os golpistas tinham apoio muito limitado. Pode-se dizer até que sabia – com antecedência – que até o Partido Popular Democrático, pró-curdos, cujos membros Erdogan está tentando expulsar do Parlamento, apoiariam o governo em nome da democracia.

Dois fatos extras acrescentam ainda mais credibilidade a essa hipótese. No início da semana, Erdogan assinou lei garantindo imunidade a soldados que tomassem parte em operações de segurança doméstica – como nas ações anti-*PKK*; é ação que visa a melhorar as relações entre o governo do *AKP* e o exército. E a corte superior de justiça da Turquia, HSYK, expulsou da magistratura nada menos que 2.745 juízes, na sequência de uma sessão extraordinária pós-golpe. Só pode significar que a lista já estava preparada com antecedência.

A principal consequência geopolítica, imediata, do golpe é que Erdogan parece agora ter miraculosamente reconquistado sua “profundidade estratégica” – como diria o ex-primeiro-ministro,

Davutoglu, já afastado. Não só externamente – depois do colapso miserável de suas duas “políticas”, para o Oriente Médio e para os curdos – mas também internamente. Para todas as finalidades práticas, Erdogan agora controla o Executivo, o Legislativo e o Judiciário – e não vai carregar prisioneiros no expurgo dos militares. Ladies and gentlemen, o Sultão está [in da house](#).

Significa que o projeto neo-otomano está ainda em andamento – mas agora sob maciça reorientação tática. O “inimigo” real agora são os curdos sírios – não Rússia e Israel (nem *ISIS*; mas esses, para começar, nunca foram). Erdogan vai à caça do *YPG*, que para ele é mera extensão do *PKK*. A ordem do dia para ele é impedir por todos os meios que se crie uma entidade estatal autônoma no nordeste da Síria – um “Curdistão” montado como uma segunda Israel com o apoio dos EUA. Para isso, ele carece de alguma espécie de *entente cordiale* com Damasco – tipo insistir que a Síria tem de preservar sua integridade territorial. E significa também, é claro, renovado diálogo com a Rússia.

Assim sendo... o que a CIA andou fazendo?

Desnecessário dizer que Ancara e Washington estão agora em comprovada rota de colisão. Se há um Império do Caos escondido no golpe – a arma do crime ainda não foi encontrada –, com certeza vem do eixo neocons/*CIA*, não do governo pato manco de Obama. No momento, a alavancagem de Erdogan resume-se ao acesso à base aérea Incirlik. Mas sua paranoia está inflando: para ele, Washington é duplamente suspeita, porque protege Gulen e apoiam o *YPG*.

O Inferno tampouco não conhece fúria como a de um sultão subestimado. Apesar de todas as suas recentes loucuras geopolíticas, o balê de Erdogan de reconectar-se simultaneamente com Israel e Rússia é eminentemente pragmático. Sabe que precisa da Rússia para o [gasoduto] Ramo Turco e para construir usinas nucleares; e precisa do gás de Israel para consolidar o papel da Turquia como nodo chave de passagem da energia entre oriente e ocidente.

Quando se ouve, crucialmente importante, que o Irã apoiou a “valente defesa da democracia” dos turcos, como tuitou o ministro Zarif, de Relações Exteriores, é claro como Erdogan, em apenas umas poucas semanas, reconfigurou toda a pintura regional. E isso sugere integração da Eurásia, e a Turquia profundamente conectada às Novas Rotas da Seda – não à OTAN. Não surpreende que o governo em Washington, na Av. Beltway – para quem,

sobretudo, Erdogan é o proverbial “aliado errático e não confiável” – esteja completamente histórico. Aquele sonho de coroneis turcos sob comando direto da *CIA* acabou – pelo menos, no futuro que se pode antever.

Assim sendo, e quanto à Europa? Yildirim já disse que a Turquia pode reintroduzir a pena de morte – a ser aplicada aos golpistas. Significabye *bye* UE. E *bye bye* a aprovação, pelo Parlamento Europeu, de viagem sem visto para turcos em viagem pela Europa. Erdogan afinal, já obteve o que queria da chanceler Merkel; aqueles 6 bilhões de euros para conter a crise de refugiados que, essencialmente, foi disparada por ele. Merkel apostou a fazenda da família em Erdogan. Agora, está falando sozinha – e o Sultão fala diretamente com Deus pelo *FaceTime*.

Juan Cole | Arab Nationalist Press Reacts to Erdogan's Crackdown With Cries of "Dictator!"

Juan Cole, Informed Comment
Cole writes: "Turkish President Tayyip Erdogan's firing of some 50,000 people, including educators, bureaucrats, police and military personnel, in the wake of the failed July 15 coup against him, provoked sharp criticism in Egypt, Jordan and other Arab countries that have an adversarial attitude toward the Religious Right such as the Muslim Brotherhood."

[READ MORE](#)



Turkish president Recep Tayyip Erdogan. (photo: EPA)

Arab Nationalist Press Reacts to Erdogan's Crackdown With Cries of "Dictator!"

By Juan Cole, Informed Comment

22 July 16

Turkish President Tayyip Erdogan's firing of some 50,000 people, including educators, bureaucrats, police and military personnel, in the wake of the failed July 15 coup against him, provoked sharp criticism in Egypt, Jordan and other Arab countries that have an adversarial attitude toward the Religious Right such as the Muslim Brotherhood. Erdogan has typically been an ally of the Muslim Brotherhood and its offshoots, and this secular/ religious politics split seems to account for the differences in how his actions are seen in various Arab countries.

In Egypt, Husain Yusuf of al-Yawm al-Sabi` (The Seventh Day) lambasted Erdogan. He said that the president's interview on Wednesday on Qatar's Aljazeera was intended to whitewash his dictatorial actions. Yusuf says that Erdogan is attacking everyone he perceives as an enemy, violating human rights, and pursuing a politics of exclusion. He slammed Erdogan as "Turkey's Hitler." He also criticized Erdogan for his diatribe against the Egyptian press coverage of the coup and its aftermath, saying that Erdogan appeared to be demanding that the Egyptian press just take the government line and ignore the "massacres" Yusuf says Erdogan's government has committed against his opposition. In contrast, Yusuf maintained, the Egyptian press has just reported the facts in a dispassionate manner.

Yusuf says that Erdogan is hypocritical, since his government had sharply criticized Egypt for implementing a state of emergency in the Sinai Peninsula, while Erdogan has put all of Turkey in a state of emergency for at least three months. He said Erdogan despises Egypt because the country virtually ignores him.

Bassam Ramadan, writing in al-Masry al-Yawm (Egypt Today), quotes Egyptian observer Mustafa al-Fiqi that Erdogan is preparing to become a new dictator. He said Egypt's overthrow of the previous government was completely unlike that in Turkey, since Egypt's masses came out in favor of the military.

But actually, of course, the coup by Abdel Fattah al-Sisi in Egypt and the counter-coup by Erdogan in Turkey look very similar in the firings, jailings and other tactics used.

BBC Monitoring surveyed some other outlets, writing, “Many writers, especially from Egypt and Jordan criticised Erdogan’s decisions that directly affected more than 45,000 people, accusing him of trying to fully control the county and get rid of any sort of opposition. Some also described the coup as a play that aims to strengthen Erdogan’s reign.”

Another writer in the pro-government al-Yawm al-Sabi`, Abdel-Salam, wrote that “The European confusion in front of Erdogan’s policies will definitely make him a new Hitler with new weapons”.

In Jordan’s Al-Rai newspaper, Sameh al-Mahariq wrote, “What is happening now is political utilization of the coup to benefit Erdogan; a golden chance for that enabled him of launching a wide purging campaign.”

The Syrian al-Thawra (Revolution) had a piece speculating that more significant coups are on their way in Turkey.

The Gulf press was primarily interested in what the coup attempt might mean for Turkish-Iranian relationships and for themselves.

In the Kuwaiti government-owned centrist Al-Watan, Abdullah al-Hadlaq wrote, “The Iranian Persian regime is scared, terrified and frightened from the possibility of the military coup in Turkey being contagious...” He predicted that such a coup is coming in Iran.

Source: Middle East Arabic press review from BBC Monitoring in Arabic 0700 gmt 20 Jul 16

□

THE NEW STREAMLINED RSN LOGIN PROCESS: [Register](#) once, then login and you are ready to comment. All you need is a Username and a Password of your choosing and you are free to comment whenever you like! Welcome to the Reader Supported News community.